



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

ISADORA DE MATOS DEMOLY

**A FRONTEIRA ENTRE O COMENTÁRIO E A NARRAÇÃO NO JORNALISMO  
ESPORTIVO BRASILEIRO**

ORIENTADORA: PROFA. DRA. RAFIZA LUZIANI  
VARÃO RIBEIRO CARVALHO

BRASÍLIA

2021

ISADORA DE MATOS DEMOLY

**A FRONTEIRA ENTRE O COMENTÁRIO E A NARRAÇÃO NO JORNALISMO  
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

BRASÍLIA

2021

ISADORA DE MATOS DEMOLY

**A FRONTEIRA ENTRE O COMENTÁRIO E A NARRAÇÃO NO JORNALISMO  
ESPORTIVO BRASILEIRO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Brasília, 18 de maio de 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Orientadora

---

Prof. Paulo José Araújo da Cunha

Examinador

---

Profa. Dra. Ana Carolina Kalume Maranhão

Examinadora

---

Prof. Dr. Zanei Ramos Barcellos

Suplente

## AGRADECIMENTOS

A presente monografia não é resultado de um trabalho individual, mas sim coletivo. Muitas pessoas me ajudaram a alcançar este feito, seja me incentivando, lendo meus textos ou até mesmo mandando um simples “Acredito em você!”. Por isso, para mim, o processo de produzir este documento e defendê-lo se assemelha muito a bater um pênalti em uma final de campeonato, afinal, esta monografia é a última etapa da minha graduação. Chego aqui com a certeza de que jogamos os 90 minutos de forma limpa e com extrema dedicação, passando por diversas matérias, desafios, trabalhos e tudo que a Universidade de Brasília (UnB) pôde nos ofertar.

Portanto, aqui estou eu e só tenho a agradecer a cada um que me apoiou ao longo desse caminho. Em primeiro lugar, agradeço à minha fiel e amada equipe, que jogou comigo esta partida chamada vida. Obrigada à minha mãe Maria José Demoly, ao meu pai Sidney Demoly, à minha irmã Patricia Demoly, à minha prima Sanna Cristina Araújo, ao meu cunhado Carlos Augusto de Medeiros, à minha tia Eliane Lima, aos meus amigos Luiz Bernardes e Amanda Melo, e aos meus amados companheiros de curso e colegas de profissão Giovanna Lobato e Daumildo Júnior.

Em especial, gostaria de agradecer imensamente a minha técnica, a Professora Doutora Rafiza Varão, que me acompanhou desde a entrada na faculdade e esteve presente até o último momento, orientando-me com gentileza e maestria nesta monografia. Deixo aqui também a minha gratidão às duas auxiliares técnicas desta partida, a Professora Doutora Dione Moura e a Mestre Ana Maria Teles, que me guiaram no pré-projeto e, desde o início, acreditaram nas minhas ideias. Obrigada também à minha preparadora técnica, a psicóloga Caroline Ferreira, que me ensinou a trilhar esse caminho de uma forma mais leve, bonita e com mais amor.

Agradeço também aos comunicadores que compuseram a equipe de transmissão deste jogo: a minha banca de defesa. Obrigada ao professor Paulo José da Cunha, à Professora Doutora Ana Carolina Kalume e ao Professor Doutor Zanei Barcellos. Agradeço não só por terem aceitado prontamente o meu convite e terem se disponibilizado a assistir e comentar esta partida com extrema dedicação, mas também por fazerem parte da minha graduação. Obrigada por todos os ensinamentos fornecidos dentro e fora da sala de aula.

E por último, mas não menos importante, obrigada a toda a minha torcida. Sou grata por cada mensagem de carinho, por ouvirem meus desabafos, por celebrarem minhas conquistas e

por estarem sempre ao meu lado independente do resultado. Vocês me rodeiam de amor, esperança, fé e confiança em um mundo mais gentil e humano.

Com todos vocês ao meu lado, eu converti esse pênalti e nós levantamos juntos esta belíssima taça chamada monografia. Muito obrigada!

Sucesso não é acidente. É trabalho duro, perseverança, sacrifício e, acima de tudo, amor pelo que você faz ou está aprendendo a fazer.

*Pelé*

## RESUMO

A primeira transmissão ao vivo de uma partida de futebol na televisão brasileira ocorreu na década de 1950. Desde então, as transmissões tornaram-se cada vez mais especializadas e tecnológicas, permitindo aos responsáveis pelas coberturas dos jogos que, não só narrassem os lances, mas também comentassem sobre outros temas relacionados à partida. A presente pesquisa tem, portanto, o objetivo de analisar qual é a fronteira entre o comentário e a narração nas transmissões do jornalismo esportivo brasileiro. Para realizar o estudo, foi aplicado o método de Análise de Conteúdo nas transmissões dos canais da Rede Globo e do Premiere da partida de futebol entre o São Paulo Futebol Clube e o Clube Atlético Mineiro pela 26ª rodada da Série A da 64ª edição do Campeonato Brasileiro de Futebol. A pesquisa revelou que as transmissões televisivas dos jogos nos dois canais analisados são compostas majoritariamente por recursos narrativos e que a fronteira existente entre narração e comentário é atravessada constantemente ao longo da cobertura, podendo ser considerada, para além de uma categoria intermediária, um processo comunicativo que integra essas transmissões.

**Palavras-chave:** Comentário Esportivo; Jornalismo Esportivo; Narração de Futebol; Televisão.

## ABSTRACT

The first live broadcast of a soccer match on Brazilian television was realized in the 1950s. Since then, broadcasts have become increasingly specialized and technological, allowing those responsible for the coverage of the games to not only narrate the moves, but also comment on other topics related to the match. The present research, therefore, aims to analyze what is the boundary between commentary and narration in Brazilian sports journalism broadcasts. To carry out the study, the Content Analysis method was applied in the transmissions from the channels of Rede Globo and the Premiere of the soccer match between São Paulo Futebol Clube and Clube Atlético Mineiro for the 26th round of Series A of the 64th edition of the Campeonato Brasileiro de Futebol. The research revealed that the television broadcasts of the games on the two analyzed channels are mostly composed of narrative resources and that the existing boundary between narration and commentary is constantly crossed over the coverage, which can be considered, in addition to an intermediate category, a communicative process that integrates these transmissions.

**Keywords:** Sports Commentary; Sports Journalism; Football Narration; Television.



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Quadro base para análise individual por sequência narrativa.....	52
Tabela 2 – Quadro base para análise individual das dez sequências em conjuntos duplos.....	53
Tabela 3 – Quadro base para análise geral da transmissão.....	54
Tabela 4 – Quadro de análise das ações narrativas de Cléber Machado .....	57
Tabela 5 – Quadro de análise da equipe de transmissão da Rede Globo .....	58
Tabela 6 – Resultado individual da análise das falas do narrador Cléber Machado .....	59
Tabela 7 – Conteúdos mais produzidos no discurso de Cléber Machado .....	61
Tabela 8 – Resultado geral da transmissão da Rede Globo.....	62
Tabela 9 – Quadro de análise das ações narrativas de Everaldo Marques .....	64
Tabela 10 – Quadro de análise da equipe de transmissão do Premiere.....	65
Tabela 11 – Resultado individual da análise das falas do narrador Everaldo Marques .....	66
Tabela 12 – Conteúdos mais produzidos no discurso de Everaldo Marques .....	68
Tabela 13 – Resultado geral da transmissão do Premiere .....	69

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. FUTEBOL NO BRASIL .....</b>	<b>18</b>
2.1 Regras do jogo .....	20
2.2 Campeonato Brasileiro de Futebol .....	22
2.3 Transmissão dos jogos .....	23
<b>3. ESPECIALIZAÇÕES E CATEGORIAS DO JORNALISMO .....</b>	<b>27</b>
3.1 Jornalismo esportivo .....	28
3.1.1 Jornalismo Opinativo .....	31
<b>4. ELEMENTOS DO DISCURSO DO JORNALISMO ESPORTIVO: A NARRAÇÃO E O COMENTÁRIO .....</b>	<b>35</b>
4.1 Narração .....	35
4.2 Comentário .....	41
<b>5. ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES TELEVISIVAS DE FUTEBOL .....</b>	<b>48</b>
5.1 Método .....	49
5.2 Transmissão da Rede Globo .....	55
5.3 Transmissão do Premiere .....	62
<b>6. INFERÊNCIAS ACERCA DA ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES .....</b>	<b>70</b>
<b>7. CONCLUSÃO .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil é visto e conhecido, em escala mundial, como o “país do futebol”. Tal título foi concedido devido à intensa paixão e identificação dos brasileiros em relação ao esporte, que, no final da década de 1920, já estava difundido por todo o país, atraindo grandes multidões (RINALDI, 2000). Desde a primeira introdução documentada do futebol no Brasil com Charles Miller em 1894 (GABRIEL; JÚNIOR; SCHIMANSKI, 2014), que apresentou o formato e as regras em vigor na atualidade, o esporte é compreendido pelos estudiosos como uma das três maiores expressões do povo brasileiro, ao lado da religião católica e do samba (CALDAS, 1986).

Um exemplo dessa paixão dos brasileiros pelo esporte são os dias de jogos da seleção brasileira (pentacampeã) pela Copa do Mundo, que são considerados uma espécie de “feriados nacionais” por grande parte da população. Em *O pensamento social acerca do futebol brasileiro: da introdução à paixão nacional* (2014), os pesquisadores Gabriel, Júnior e Schimanski relatam que durante o período de competição, a arquitetura das cidades e a rotina laboral não só incorporam as cores verde e amarelo como também sofrem alterações: “As empresas, as residências, o comércio, os clubes, as instituições socializadoras e todos os outros esportes praticamente param para torcer pelo selecionado nacional” (GABRIEL; JÚNIOR; SCHIMANSKI, 2014, p. 57).

A partir desse contexto, percebe-se que o futebol é o esporte no Brasil que possui maior significância, sendo considerado um símbolo nacional e regional (GABRIEL; JÚNIOR; SCHIMANSKI, 2014). Do norte ao sul do país, o futebol é praticado diariamente de forma amadora e profissional, sem limitações de gênero e idade, caracterizando-se por ser uma prática plural e acessível. Entretanto, esse apreço pelo esporte no Brasil não é produto apenas da identificação e gosto pela prática, mas é também uma consequência da potencialização promovida pelos meios de comunicação, que transportam os jogos de futebol até mesmo para as áreas mais remotas do país, transformando-o em um espetáculo à parte com o trabalho de narração.

No Brasil, as transmissões dos jogos iniciaram-se no rádio e, a partir da primeira metade do século XIX, começaram a ser realizadas também por meio da televisão. Os primeiros narradores do novo meio de comunicação vieram do rádio, o que proporcionou uma forte influência da locução radiofônica na televisão (CAMARGO, 2005), existente até os dias de hoje. Entretanto, há um diferencial: enquanto o rádio é um meio intrinsecamente sonoro, que necessita de uma narração contínua de todos os lances desempenhados nos jogos, a televisão

possui, além do som, a imagem. Assim, desde o início, a presença desse novo recurso dividiu as opiniões dos narradores sobre como as transmissões deveriam ser conduzidas, não havendo, portanto, um estilo de narração unânime para a televisão.

Conforme descreve Rodrigo Rocha Gomes em *Narração Esportiva na Televisão* (2015), nas primeiras transmissões, todos aqueles que se arriscaram a narrar na televisão se perguntavam se o formato a ser seguido era o mesmo do rádio. “De início, pairava a dúvida se o narrador deveria narrar os lances, lembrando que na TV o telespectador também estava vendo a jogada, e falar o óbvio, ou se deveria fazer comentários em cima das jogadas” (GOMES, 2015, p. 31). Com isso, os primeiros jogos transmitidos através da televisão foram marcados por serem monótonos e sem emoção, uma vez que os narradores tentavam criar um novo estilo de locução destinado ao meio (GUERRA, 2006).

Ao longo dos anos, as transmissões televisivas ganharam novas tecnologias, como o advento das cores, mais nitidez e qualidade da imagem, mais câmeras no estádio e novos ângulos. Houve também o surgimento do banco de dados estatísticos do jogo, o recurso de transmissão simultânea – que fornece informações sobre outras partidas ao mesmo tempo, o replay e outros recursos que elevaram a qualidade técnica das coberturas esportivas. Essas melhorias proporcionaram dinamicidade às transmissões e novas oportunidades aos narradores, que puderam criar uma locução mais ilustrativa e um conteúdo mais ancorado (GUERRA, 2006).

Entretanto, ao mesmo tempo que surgiram novas possibilidades, a narração contínua de todos os lances deixou de ser o principal recurso para se acompanhar uma partida, uma vez que o próprio telespectador não portador de deficiência visual podia enxergar os lances do jogo através do aparelho, como se estivesse no estádio. Com isso, os narradores de televisão obtiveram maior flexibilidade em suas falas e ações, podendo tecer mais comentários, expor e debater opiniões com mais frequência, e trazer informações externas ao próprio jogo, como o placar ao vivo de uma partida no mesmo horário. Tudo isso sem que o público perdesse um lance sequer do confronto.

Uma consequência desse novo formato é que a parcialidade do comentário e a imparcialidade da narração começaram a se misturar nas transmissões televisivas de futebol da atualidade, ao ponto de serem alvos de críticas dos telespectadores. Durante as transmissões, é comum observar nas mídias sociais diversas reclamações de telespectadores em relação às falas e aos comentários emitidos pelo narrador da partida. Essas queixas também são realizadas pela equipe técnica dos times de futebol e outras entidades esportivas, como foi o caso do

profissional Abel Braga durante sua coletiva de apresentação como o novo técnico do Sport Club Internacional, de Porto Alegre, no dia 10 de novembro de 2020:

Hoje, transmite-se futebol. Lamentavelmente, o “cara” tá transmitindo futebol e, invés dele estar passando pro telespectador aquilo que você “tá” vendo na tela, ele fica assim: “Em quem você vota para melhor jogador? Em que você vota para pior jogador? Quem você acha que o treinador tem que substituir?” E fica fazendo enquete sobre o jogo. Quer dizer, o que interessa mais sou eu que estou em casa vendo o jogo [...] ou é a mídia social? (BRAGA, 2020)

Com base nessas observações, a presente pesquisa visa responder à seguinte pergunta: “Qual é a fronteira entre o comentário e a narração no jornalismo esportivo televisivo no Brasil?”. Este questionamento envolve delinear, de forma conceitual, o que é comentário e o que é narração, bem como verificar a qual gênero jornalístico cada um desses elementos pertence. A partir destas definições, o estudo pretende observar se, na prática, isto é, nas transmissões futebolísticas em vigor, o comentário e a narração se mesclam proporcionalmente no jornalismo esportivo brasileiro ou se algum desses estilos é priorizado pelos narradores na atualidade.

Assim, este trabalho tem por objetivo compreender qual é a fronteira entre o comentário e a narração no jornalismo esportivo televisivo no Brasil ao analisar duas transmissões de um mesmo jogo pelo Campeonato Brasileiro na temporada de 2020. Os objetivos específicos são identificar as diferenças entre o comentário e a narração nas transmissões televisivas em estudo; analisar as características do modelo de narração realizado nas transmissões televisivas coletadas; e comparar duas transmissões televisivas de uma mesma partida de futebol.

A realização desta análise se justifica devido ao elevado número de críticas sobre o modelo vigente de narração nas transmissões televisiva dos jogos, realizadas tanto por técnicos de equipes brasileiras, como Abel Braga, quanto por telespectadores, atletas e entidades envolvidas com o futebol. Um exemplo foram as reclamações feitas à narração do comunicador Cléber Machado na transmissão da Rede Globo da partida entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Fortaleza Esporte Clube, disputado em 26 de agosto de 2020, pela 64ª edição do Campeonato Brasileiro de Futebol. Na ocasião, além de ser apontado como clubista devido aos seus comentários, o jornalista também foi criticado por narrar com atraso o primeiro gol da partida, em função de uma propaganda que foi exibida no momento do lance<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O vídeo que mostra o momento do primeiro gol da partida, do Fortaleza, transmitido pela Rede Globo, está disponível para visualização em: <<https://twitter.com/excentricko/status/1298809699291336704?s=20>>. Acesso em: 17 abr. de 2021.

Esse Cléber Machado nem esconde o clubismo. O Fortaleza teve as melhores chances do jogo e o cara fala que o Corinthians que lamentou o empate kkkkk #CORxFOR (HIAGO, 2020)

Saiu o Gol do Fortaleza, na Globo rolava o *merchan*, Cléber Machado não narrou o gol e precisou narrar a jogada depois qdo [quando] os jogadores já comemoravam. Que péssimo, Globo #corxfor (BRUM, 2020)

O incômodo do público com a narração também pode ser notado através dos novos modelos de transmissão que têm sido desenvolvidos, como a cobertura de jogos sem a presença de narradores e comentaristas, apenas com o som ambiente do campo. Algumas empresas e canais a cabo de televisão, como a Sky e o Fox Sports, já inseriram esse novo formato como opção para acompanhar as partidas em países como os Estados Unidos e a Alemanha. Um acontecimento que comprova a aceitação desse modelo pelos telespectadores foi a transmissão da disputa entre as equipes inglesas do West Bromwich Albion Football Club e do Tottenham Hotspur Football Club, realizada pela ESPN Brasil no dia 8 de novembro de 2020.

Próximo aos 30 minutos do segundo tempo, ocorreu uma espécie de “apagão” na transmissão, em que o canal a cabo perdeu o sinal do jogo pelo Campeonato Inglês. Alguns segundos depois, as imagens retornaram, porém sem a locução e os comentários esportivos. Segundo a ESPN Brasil, houve um problema técnico no sinal de áudio do narrador e do comentarista, o que fez os 19 minutos seguintes serem transmitidos apenas com os sons do campo. A narração, inclusive, não esteve presente no único gol da partida, realizado pelo Tottenham Hotspur Football Club aos 43 minutos do segundo tempo.

Nas mídias sociais, a ausência da locução foi motivo de comentários. Alguns telespectadores se incomodaram com o problema na transmissão e teceram críticas à ESPN Brasil. Entretanto, houve torcedores que ficaram satisfeitos com a ausência de narração e disseram preferir a cobertura dos jogos apenas com o som ambiente do campo, uma vez que, neste formato, sentiram-se mais envolvidos na partida. Na plataforma do Twitter, dois telespectadores elogiaram este estilo de transmissão – mesmo não sendo proposital:

#PremierLeagueNaESPN áudio da transmissão voltou e o som ambiente fica todo inibido, chato demais. Repensem sobre o som ambiente do estádio. Tem que ser mais alto... Falo isso faz tempo. O que interessa é o som ambiente e não os comentários e propagandas. (MIRANDA, 2020)

Confesso que o final da transmissão só com o som ambiente do jogo foi algo inesperado – e bom. A experiência de estádio, em sua essência. Poderiam transmitir esse áudio em 2º canal para os assinantes. #PremierLeagueNaEspn (SILVESTRE, 2020)

Em alguns comentários, também houve críticas aos bordões utilizados pelos narradores, o que demonstra uma possível insatisfação, em especial, com o modelo de narração realizado com foco no entretenimento. Alguns telespectadores sugeriram ao canal a cabo, através de

tweets, que a transmissão seja repensada para priorizar a imersão por meio do som ambiente, com gritos, aplausos e conversas entre jogadores, técnicos, árbitros e torcida. Segundo parte dos torcedores, com este novo formato, seria possível simular a experiência de estar fisicamente presente no estádio.

Essa insatisfação do telespectador parece já ter sido compreendida por algumas empresas de eletrônicos, como é o caso da Sony e da Samsung. Em 2014, ano em que a Copa do Mundo foi sediada no Brasil, as companhias lançaram uma nova tecnologia em seus televisores que prometia diminuir a voz do narrador e dos comentaristas, enquanto elevava os sons da torcida e do campo. Na época, o portal de notícias UOL divulgou uma matéria com a manchete “Saiba como tirar a voz de Galvão Bueno das transmissões de futebol”<sup>2</sup>, uma crítica direta à narração futebolística realizada pelo comunicador.

Em 2014, os televisores que retiravam o áudio do narrador e dos comentaristas, como por exemplo o *home theater*, eram considerados caros em relação aos outros modelos. Contudo, na atualidade, empresas como a Sony e a Samsung continuam apostando e inserindo em vários de seus produtos recursos que deixam o gramado mais verde, abaixam ou cortam completamente a voz dos narradores e comentaristas, e aumentam o barulho feito pela torcida. Assim, a tendência do mercado é de que, com o advento de novas tecnologias de imagem e transmissão, cada vez mais consumidores adquiram televisores que possuem tal funcionalidade a preços mais acessíveis.

A partir desse cenário, é evidente a necessidade de se analisar de forma técnica o modelo de narração realizado hoje nos principais canais de transmissão futebolística do Brasil. Caso tal observação não ocorra, o trabalho do narrador pode ser considerado sem importância por parte dos telespectadores. Desse modo, o presente estudo é essencial para que não só a área da Comunicação dialogue com as necessidades sociais do público-telespectador das partidas de futebol, mas também para que todos aqueles que trabalham com a narração dos jogos sejam capazes de evitar a banalização do ofício.

A pesquisa é, portanto, necessária para a manutenção e o aperfeiçoamento do trabalho de narração com qualidade. O estudo, ao disponibilizar um breve panorama comunicacional das transmissões de futebol no Brasil, proporciona a jornalistas, comunicadores e estudiosos a possibilidade de obter mais domínio e controle sob o processo de narração. Com isso, esses profissionais se tornam mais capacitados para modificá-lo a fim de que este satisfaça as

---

<sup>2</sup> A reportagem, redigida por Eduardo Bonjoch, foi publicada na editoria de Tecnologia no dia 7 de março de 2014. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/tecnologia/saiba-como-tirar-a-voz-de-galvao-bueno-das-transmissoes-de-futebol-2595>>. Acesso em: 6 mar. de 2021.

necessidades do público-telespectador e, ao mesmo tempo, cumpra com os deveres jornalísticos de ética, verdade, imparcialidade e precisão.

Para a execução do presente trabalho, será aplicada a metodologia de Análise de Conteúdo nas transmissões televisivas da Rede Globo e do Premiere da partida entre o São Paulo Futebol Clube e o Clube Atlético Mineiro pela 26ª rodada da Série A masculina da 64ª edição do Campeonato Brasileiro de Futebol, também conhecido como Brasileirão. O jogo foi realizado no dia 16 de dezembro de 2020, no Estádio Cícero Pompeu de Toledo, popularmente conhecido como Estádio do Morumbi, localizado na cidade de São Paulo.

A seleção do objeto se baseou na coleta de uma partida que ocorresse no meio do segundo turno do campeonato, isto é, entre a 26ª e a 30ª rodada, a fim de apresentar regularidade e semelhança com as demais transmissões do torneio, garantindo que não há nada de especial e único. Considerou-se também o calendário da temporada 2020 do Brasileirão que, em função da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), foi suspenso no primeiro semestre de 2020 e reformulado, estendendo-se, em caráter de excepcionalidade, até o ano de 2021. Assim, a rodada de número 26 foi escolhida para o estudo por apresentar mais similaridade com as demais transmissões do campeonato, uma vez que as rodadas seguintes eram próximas às festas de fim de ano.

As duas transmissões selecionadas foram exibidas simultaneamente em canais diferentes – uma na televisão de sinal aberto (Rede Globo) e outra de sinal a cabo (Premiere) – e conduzidas por narradores e comentaristas também diferentes. Apesar dos canais serem distintos e terem propriedades opostas – o primeiro é gratuito e o segundo é por assinatura, ambos pertencem ao mesmo proprietário: o Grupo Globo, que é, na atualidade, o maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina.

Nas transmissões, o objeto de análise será exclusivamente as falas emitidas pelo narrador da partida em cada canal durante os noventa minutos da partida e seus acréscimos. Portanto, a metodologia de Análise de Conteúdo demonstra-se ideal para o estudo uma vez que trabalha diretamente com a análise da fala, isto é, com a prática da língua (BARDIN, 1977). Além disso, a Análise de Conteúdo também é uma metodologia adaptável que pode ser aplicada em estudos das mais diversas áreas para se analisar as comunicações em geral.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 48)



Assim, no primeiro momento do estudo, será realizada a degravação e transcrição do material coletado e, em seguida, a separação da transmissão em sequências narrativas de dez minutos, obtendo-se ao total dez sequências. Em seguida, será realizada a exploração do material (BARDIN, 1977). Nesta etapa, o texto com a narração transcrita será destrinchado e dividido em três categorias, “Comentário”, “Fronteira” e “Narração”, que consistem em uma “espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (BARDIN, 1977, p. 43).

A partir dos dados obtidos pela separação e codificação do discurso, será realizada a interpretação dos resultados. Nesta etapa, será verificado se houve, em cada uma das duas transmissões, a predominância da narração ou do comentário, ou se esses elementos foram proporcionalmente utilizados. E por último, serão delineadas as características do modelo de narração realizado nas duas transmissões televisivas em estudo, verificando quais foram as semelhanças e as diferenças entre as produções.

## 2. FUTEBOL NO BRASIL

O futebol moderno, cujo modelo é popularmente conhecido e praticado na atualidade, foi criado na Inglaterra em 1863, conforme registra a história oficial da Federação Internacional de Futebol (FIFA) – que dirige diversos campeonatos ao redor do mundo desde sua criação em 1904. Segundo a instituição, o esporte chegou ao Brasil em 1894 por intermédio do jovem Charles Miller, que, ao retornar de estudos na Europa, trouxe as regras e os instrumentos do futebol inglês, tornando-se historicamente conhecido como o “pai do futebol” no país. Apesar de alguns pesquisadores defenderem que existiam indícios do futebol já ser praticado no Brasil, muitos estabelecem este momento como a primeira inserção documentada do esporte no país.

[...] no dia 18 de Fevereiro de 1894, Miller retornou ao Brasil, trazendo consigo vários instrumentos, que foram (e, são) utilizados na prática do Football Association, tais como: Bomba de ar, um enfiador, dois uniformes (camisa, calções e meias), dois pares de chuteiras e um livro de regras.

Quando Miller retornou para São Paulo, o futebol já havia se institucionalizado na Inglaterra. Já existiam, portanto, as regras, os clubes e os campeonatos. Ou seja, o futebol já era uma modalidade esportiva. (GABRIEL; JÚNIOR; SCHIMANSKI, 2014, p. 62)

Fato é que, desde sua chegada ao Brasil de forma profissional, o esporte se transformou em uma paixão nacional e tornou, em pouco tempo, a nação brasileira reconhecida nacional e internacionalmente como o “país do futebol”. De acordo com o pesquisador Waldenyr Caldas em *O futebol no país do futebol* (1986), apesar desta imagem ser antiga, ela só se consolidou com a conquista do primeiro campeonato mundial, na Suécia, em junho de 1958. Conforme defende o autor, o futebol é, na atualidade, conhecido como uma das maiores expressões nacionais ao lado do samba e da religião católica.

O relatório *Raio-X do Futebol Brasileiro por Estado*, publicado em maio de 2020 pela empresa estatística PLURI Consultoria, demonstrou que o Brasil possuía 650 clubes profissionais de futebol em atividade, disputando competições de divisões estaduais e nacionais. A pesquisa indicou que a região Sudeste do país é a que possui o maior número de clubes em nível profissional do Brasil, sendo o estado de São Paulo o local que possui mais clubes profissionais, seguido pelo Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Apesar desse cenário, o estudo demonstra que o esporte é praticado diariamente em todas as unidades da federação, da região Norte à Sul.

No Brasil e no mundo, existem canais e programas de televisão especializados em esporte, que transmitem 24 horas por dia informações atualizadas sobre as equipes profissionais, os campeonatos, as estatísticas dos jogos, os bastidores dos elencos, entre outros

dados. Entretanto, a popularidade do futebol é tão marcante no Brasil que esses canais especializados transmitem não apenas as partidas, como também cobrem os momentos de apoio das torcidas, como foi o caso, por exemplo, da torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras que, mesmo durante a pandemia de Covid-19, foi às ruas em 2020 para apoiar o time antes do jogo decisivo pela Copa do Mundo de Clubes da FIFA.

Além do impacto social, o futebol também movimenta a economia brasileira. Em 2019, o relatório *Impacto do Futebol Brasileiro na economia*, publicado pela CBF em parceria com a empresa de consultoria EY, demonstrou que o futebol brasileiro no ano de 2018 movimentou direta e indiretamente o equivalente a 48,8 bilhões de reais, o equivalente a 0,72% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil no período. Essa renda é consequência não apenas dos lucros adquiridos nos jogos e campeonatos brasileiros, mas também da vasta e complexa cadeia produtiva do esporte, composta por atletas, clubes, federações estaduais, torcedores, patrocinadores, grupos de mídia e empresas de materiais esportivos (CBF, 2019).

É evidente, portanto, que, mais do que um simples evento, as partidas de futebol profissional movimentam a população como um todo. Em dias de jogos, torcedores vestem o uniforme do time, lotam estádios, manifestam-se em mídias sociais, penduram bandeiras em janelas, gritam e comemoram nas ruas. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação fazem coberturas especiais e programas de pré e pós-jogo, utilizando todos os recursos disponíveis no jornalismo. No caso da Sociedade Esportiva Palmeiras, por exemplo, a cobertura contou com um helicóptero de reportagem, que transmitia imagens ao vivo do ônibus do time se locomovendo pela cidade até chegar ao aeroporto, antes da semifinal do Mundial de Clubes.

Contudo, não apenas de torcedores fervorosos e apoiadores vive um time de futebol. Existem aqueles que são chamados de rivais, isto é, times que, em geral, são da mesma cidade ou região e dividem a população em torcidas contrárias. Estes encontros são comumente chamados de clássicos e ultrapassam a ideia de uma simples partida, uma vez que há todo um histórico das disputas para ver quem ganha mais confrontos e, de certa forma, domina o estado. A tensão é tamanha nestas partidas que, em muitos casos, o jogo é mais intenso e pode envolver conflitos e consequências dentro e fora de campo, com histórico de brigas, demissão de técnicos e jogadores, e até mesmo processos judiciais com consequências gravíssimas à equipe e à torcida.

Algumas rivalidades brasileiras possuem tensões tão elevadas que estão presentes em rankings internacionais de maiores clássicos. Em 2019, o jornal inglês *The Daily Mirror*<sup>3</sup> elegeu as 20 maiores rivalidades do futebol mundial, com a presença de dois confrontos brasileiros. Em 11º lugar, foi escolhido o Grenal (duelo entre os times gaúchos Grêmio Football Porto Alegre e Sport Club Internacional) e em 19º lugar, o Fla-Flu (jogo entre os times cariocas Clube de Regatas do Flamengo e Fluminense Football Club).

## 2.1 Regras do jogo

Segundo o livro *Regras de Futebol 2020/21* (2020), produzido pela FIFA e traduzido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o futebol é, na atualidade, o esporte mais popular do mundo, sendo praticado em todos os países em diferentes níveis, porém com as mesmas regras. Tal normatização tem por objetivo propiciar um jogo limpo, seguro e com *fair play* – isto é, de maneira justa, sem que se prejudique o adversário de forma proposital. Apesar das regras do jogo serem relativamente simples, quando comparadas com às de outros esportes, elas podem gerar debate e discussão, uma vez que não é possível prever todas as situações (FIFA, 2020; CBF, 2020).

Tecnicamente, uma partida de futebol consiste em um duelo entre dois times, sendo cada um composto por até 11 jogadores, com limite mínimo de sete atletas em campo. A disputa acontece em um campo retangular com a superfície totalmente coberta por grama (natural ou artificial) e com linhas contínuas que separam as áreas de cada equipe e suas regiões de gol. O objetivo do jogo é fazer com que a bola entre no gol do time adversário, ou seja, fazer com que a bola ultrapasse por completo a linha formada por duas traves verticais e um travessão horizontal. Não é necessário, porém, que a bola toque a rede que liga estas estruturas.

Ganha a partida quem fizer mais gols em 90 minutos, tempo da regra que contempla duas etapas de 45 minutos chamadas de 1º e 2º tempo. Entre elas, há um intervalo de cerca de 15 minutos, em que os jogadores podem se recolher no vestiário. Segundo a regra, cada período deve ser acrescido do tempo perdido, em razão de diversos fatores como: substituições; avaliação de lesões ou transporte de jogadores para fora do campo de jogo; sanções disciplinares; paradas por motivo médico autorizadas no regulamento; períodos usados nas

---

<sup>3</sup> A reportagem do jornal inglês, redigida pelo jornalista Conor Faherty, tem como título “The top 20 rivalries in world football ranked – from Boca-River to Old Firm derby”, em português, “As 20 maiores rivalidades do futebol mundial ranqueadas – de Boca-River ao Old Firm derby”. Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/sport/football/news/top-20-rivalries-world-football-20044798>>. Acesso em: 18 mar. de 2021.

checagens e revisões de lances; ou qualquer atraso significativo para o reinício do jogo (FIFA, 2020; CBF, 2020).

O acréscimo no tempo é apenas uma das funções do árbitro principal, que é quem controla e rege a partida, tendo “total autoridade para cumprir as regras do jogo” (CBF, 2020, p. 71). A mediação deve ser feita de forma ética, imparcial e em consonância com as regras do esporte. São atribuições do árbitro principal aplicar cartões amarelo (para infrações leves) ou vermelho (para infrações mais graves); decretar o início, o recomeço e o fim do jogo; cronometrar e controlar o tempo da partida, adicionando ou não acréscimos; tomar notas sobre os acontecimentos e incidentes em campo (FIFA, 2020; CBF, 2020). Além do árbitro principal, há outros membros de arbitragem em vídeo e em campo, que tem como função auxiliar a aplicação das regras dentro das “quatro linhas”, além de supervisionar o que acontece dentro e fora delas.

Este é o caso, por exemplo, do quarto árbitro, que tem como função supervisionar áreas técnicas, substituições, equipamentos de jogadores, reingresso dos atletas ao campo, além de inspecionar as bolas reservas e indicar o tempo de acréscimo dado pelo juiz principal (FIFA, 2020; CBF, 2020). Há também os auxiliares de campo – os bandeirinhas – que ficam nas linhas laterais do campo. Estes profissionais têm como atribuição marcar saídas de bola, substituições, possíveis avanços do goleiro em momentos de pênaltis e impedimentos – posição irregular de um atleta no campo de ataque adversário, causada quando, ao receber uma bola, há menos de dois jogadores da equipe contrária à sua frente.

Em 2016, surgiu uma nova função no jogo: o árbitro assistente de vídeo, mais comumente conhecido como VAR – sigla em inglês de *Video Assistant Referee*. O novo membro de arbitragem consiste em um árbitro assistente de futebol que analisa as decisões tomadas pelo árbitro principal com a utilização de imagens de vídeo. O VAR pode interferir em alguns tipos de lances para verificar a possibilidade ou não de gol, cartão vermelho direto ou erro de identificação do árbitro de campo (FIFA, 2020; CBF, 2020). Em casos que compreenda como possivelmente irregulares, o assistente de vídeo pode chamar o árbitro principal para analisar as imagens em um monitor localizado ao lado do campo. Após a consulta, o juiz decide por alterar ou manter a sua decisão prévia de campo.

No que se refere ao local dos jogos, cada time de futebol possui em geral seu próprio estádio, por vezes, também conhecido pelo nome de arena, em que há um campo onde são realizadas as partidas “em casa”. Nessas ocasiões, a equipe dona do local recebe seus adversários e é a mandante do confronto, o que implica em vantagens como ter mais torcedores a favor do que adversários e, dependendo do regulamento de algumas competições, permanecer

com o lucro da partida. Nessas arenas, há arquibancadas de onde os torcedores podem acompanhar a disputa, e na maioria das vezes, há também uma espécie de museu com a história do time e os troféus conquistados ao longo dos anos.

## 2.2 Campeonato Brasileiro de Futebol

Os times profissionais brasileiros participam de torneios, isto é, campeonatos que podem ser regionais, nacionais ou até mesmo internacionais. Nessas competições, o mando de campo possui elevada importância, uma vez que, quanto mais jogos em casa, mais apoio da torcida e menos desgaste. Entre os principais campeonatos disputados por brasileiros estão os estaduais, competição entre times locais de uma mesma região do Brasil; a Copa do Brasil, torneio nacional em estilo de mata-mata; o Campeonato Brasileiro de Futebol, a maior competição nacional, com sistema de pontos corridos; a Supercopa, duelo promovido entre o vencedor da Copa do Brasil e do Brasileirão; e outros campeonatos internacionais, como a Copa Sul-Americana, a Copa Libertadores da América e a Copa do Mundo de Clubes da FIFA.

O Campeonato Brasileiro de Futebol, também conhecido como Campeonato Brasileiro e Brasileirão, é conhecido nacional e internacionalmente como a principal competição futebolística dos times brasileiros, em especial quando se trata do nível mais alto do campeonato masculino: a Série A. Em 2021, o Brasileirão masculino foi eleito pela Federação Internacional de História e Estatística do Futebol (IFFHS)<sup>4</sup>, em seu ranking anual, o terceiro nacional mais forte do mundo<sup>5</sup> e a terceira liga mais forte da década 2011-2021<sup>6</sup>, sendo considerado o melhor campeonato da América do Sul. Segundo uma pesquisa realizada em 2011 pela Sport+Markt, empresa especializada em consultoria no mercado esportivo, o Brasileirão era o torneio mais empolgante, interessante e preferido do país devido ao seu equilíbrio e imprevisibilidade.

É por meio do Brasileirão que equipes brasileiras têm acesso a torneios internacionais. Segundo o *Regulamento Específico da Competição do Campeonato Brasileiro Série A de 2020* (CBF, 2020), os quatro primeiros colocados no Brasileiro ganham uma vaga direta de mata-mata na Copa Libertadores da América, e o quinto e o sexto colocados ganham acesso à fase preliminar da Libertadores – que antecede a etapa decisiva da competição. Porém, há exceções:

---

<sup>4</sup> A IFFHS é uma organização com sede na Alemanha que, com o reconhecimento da FIFA, tem por responsabilidade administrar e divulgar todos os recordes do futebol, bem como também suas estatísticas.

<sup>5</sup> Matéria com o título *IFFHS World's Best National League in the World 2020* está disponível em: <<https://www.iffhs.com/posts/911>>. Acesso em: 19 mar. de 2021.

<sup>6</sup> Matéria com o título *IFFHS World's Strongest National League of the Decade 2011-2020* está disponível em: <<https://www.iffhs.com/posts/1020>>. Acesso em: 26 mar. de 2021.

as equipes que ganharem a Libertadores e a Copa do Brasil no ano anterior têm vaga garantida para a fase de mata-mata da Copa Libertadores no ano seguinte. Caso um desses clubes termine no topo da tabela do Brasileirão, as vagas são repassadas às equipes que foram melhores colocadas em sequência. Consequentemente, aqueles que forem vitoriosos na Libertadores ganham vaga para disputar o Mundial de Clubes, um dos mais importantes torneios do planeta.

Historicamente, o Brasileirão é sucessor dos torneios Roberto Gomes Pedrosa (competição nacional disputada de 1967 a 1970) e Taça Brasil (realizada de 1959 a 1968 com modelo eliminatório semelhante ao da atual Copa do Brasil, como o principal campeonato nacional do esporte) (MOREIRA; SILVA, 2008). No novo formato organizado pela CBF, a Série A do campeonato é disputada através do sistema de pontos corridos, que consiste no esquema de todos contra todos, ou seja, em que todos os times se enfrentam ao longo de dois turnos, sendo campeã a equipe que conquistar mais pontos após 38 rodadas. Em cada turno, todos os times jogam entre si uma única vez, sendo que, no turno seguinte, os jogos são realizados na mesma ordem, porém com mando de campo invertido.

Em 2020, a Série A da 64ª edição do campeonato masculino foi disputada por vinte clubes. À princípio, segundo o calendário determinado pela CBF, a competição seria realizada de 2 de maio até 6 de dezembro de 2020. Entretanto, com a pandemia do novo coronavírus, a organização suspendeu todas as competições em âmbito nacional a partir do dia 16 de março de 2020. A parada proporcionou um atraso no calendário do torneio, que só recomeçou no dia 9 de agosto do mesmo ano e foi encerrado no dia 24 de fevereiro de 2021, sendo a primeira vez, desde 2000, que o Brasileirão terminou no ano seguinte à sua realização.

Os jogos da Série A do campeonato são realizados, em geral, com uma frequência de dois confrontos por semana, sendo um realizado comumente às quartas e quintas-feiras, e o outro aos sábados e domingos. Entretanto, esta frequência não é seguida à risca, podendo ser reduzida a um jogo por semana ou até mesmo a zero, dependendo de diversos fatores, como por exemplo, o surto sanitário causado pelo novo coronavírus, que adiou diversas partidas; ou por causa das disputas de outros campeonatos, como é o caso da Copa Libertadores da América, cujos confrontos ocorrem, na maioria das vezes, às terças, quartas e quintas-feiras.

### **2.3 Transmissão dos jogos**

Com a crescente valorização do futebol no Brasil, desde sua chegada documentada ao país em 1894, os meios de comunicação aderiram às suas funções e serviços a transmissão das partidas, que consiste em levar informação e noticiar tudo o que acontece dentro das “quatro linhas” em tempo real. A primeira transmissão de uma partida de futebol no Brasil foi realizada

por meio do rádio. Segundo a pesquisadora Lia Calabre (2002), a primeira transmissão no país ocorreu em 1927, através da Rádio Sociedade Educadora Paulista, que cobriu, do Rio de Janeiro para São Paulo, uma partida do Campeonato Brasileiro entre paulistas e cariocas.

Entretanto, há controvérsias sobre quando teria sido a primeira transmissão de futebol no Brasil. Segundo a jornalista Edileuza Soares (1994), a primeira narração relatada no país foi realizada por Nicolau Tuma em 1931, quando houve a cobertura da partida entre as seleções de São Paulo e Paraná pela 8ª edição do Brasileiro, através da Rádio Educadora Paulista. Apesar de não haver unanimidade sobre quando teria sido realizada a primeira transmissão de um jogo, as emissões foram um sucesso, sendo que, por muitos anos, “o rádio foi o meio de comunicação mais próximo que o brasileiro tinha das narrações esportivas” (BONIN; CAPRARO; MAOSKI; MEZZADRI, 2016, p. 188).

O ouvinte sintonizava na frequência do rádio e o locutor descrevia todos os movimentos, desde troca de passes e gols até substituições e acontecimentos nas áreas técnicas. Como o rádio era – e continua sendo – um meio de comunicação de massa intrinsecamente sonoro, o narrador era os olhos do público, devendo descrever com precisão todos os lances para que os ouvintes visualizassem a partida mesmo sem estarem presentes na arquibancada. Segundo Guerra (2006), com o desenvolvimento das transmissões, os locutores de rádio desenvolveram estilos próprios de descrição dos duelos, com bordões e expressões que facilitasse a identificação do ouvinte com o que estava sendo dito.

Por meio de linguagens estereotipadas e redundantes, cheias de sinónimas, os narradores conquistaram seu espaço dentro do próprio jogo. Seja porque “você vê o jogo, ouvindo a rádio...” ou porque, “a gente se vê por aqui”, o torcedor passou a incorporar a transmissão como parte do espetáculo, mesmo quando a imagem (seja no campo ou através da tv) não se basta se não for acompanhada de um contador da história que está sendo vista e vivida naquele momento. (GUERRA, 2006, p. 4).

Ainda no século XX, com o advento das tecnologias, os jogos de futebol começaram a ser transmitidos também através da televisão no Brasil, sendo possível, pela primeira vez, acompanhar uma partida com som e imagem, sem precisar estar no estádio. Há controvérsias também sobre quando teria sido a primeira transmissão televisiva de um jogo no país. Entretanto, de acordo com o autor Wagner Willian Knoeller (2002), a TV Tupi, de São Paulo, (primeiro canal de televisão do Brasil) já transmitia poucos meses depois de sua estreia, em 1950, jogos de futebol realizados em São Paulo e cidades próximas. Já o primeiro jogo com transmissão interestadual só teria sido realizado em 1955 pela TV Record (KNOELLER, 2002).

Inicialmente, conforme descreve Guerra (2006), as primeiras transmissões televisivas dos jogos eram monótonas e com poucas emoções. De acordo com o autor, isso se deve ao fato



de que os locutores tentavam adaptar o formato de narração ao novo meio, que possui, além do som, o recurso da imagem. Outro fator que limitava a cobertura era a quantidade reduzida de tecnologias, como o recurso de cores e o número de câmeras disponíveis em campo. Uma vez que a imagem era em preto e branco e possuía baixa qualidade, o telespectador não conseguia identificar algumas informações. Um exemplo é que não era possível diferenciar os times através da cor do uniforme (GOMES, 2015). Assim, os narradores se questionavam sobre o que deveriam falar, uma vez que aquilo que podiam descrever era o que o telespectador visualizava com seus próprios olhos.

[...] a tecnologia que havia sido desenvolvida para o rádio, auxiliando nas transmissões dos esportes, não foi utilizada nas primeiras transmissões ao vivo do esporte, na televisão brasileira. As câmeras de vídeo eram pesadas, com baixa mobilidade e nem sempre acompanhavam os lances e movimentos com a bola. Os narradores das emissoras de televisão, eram quase todos vindos do rádio, e este meio comunicacional não exigia uma linguagem própria. (CAMARGO, 2005)

A adaptação à linguagem na televisão foi, portanto, um desafio para os profissionais que vieram do rádio. No que se refere ao modelo de locução, inicialmente alguns locutores optaram por manter o estilo de narração realizado no antigo meio de comunicação, isto é, continuaram a narração incessante e detalhada de todos os lances da partida. Entretanto, outros narradores alteraram o formato de narração ao compreender que o recurso da imagem os libertava da obrigação de criar o lance do jogo no imaginário do público. Assim, estes comunicadores optaram por não descrever o óbvio e inseriram comentários sobre os lances. “Fato era que não existia um padrão, e todos buscavam fazer o que encaixasse melhor na transmissão” (GOMES, 2015, p. 30).

Como os primeiros profissionais que narraram na televisão vieram do rádio, o novo meio de comunicação de massa se desenvolveu sob forte influência da locução do rádio (CAMARGO, 2005). Um exemplo desta herança radiofônica é o formato da equipe que conduz as transmissões. “Um locutor postado na cabine, no centro do estádio, um repórter atrás de cada gol, um comentarista ao seu lado, um plantão esportivo com informações de outros jogos e repórteres em outros estádios” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 65). Essa composição, nas transmissões atuais, tem como diferencial a inserção de mais comentaristas na cabine, entre eles o comentarista de arbitragem, responsável por analisar exclusivamente a conduta dos juízes.

Ao longo do século XX, novas tecnologias surgiram aperfeiçoando as transmissões televisivas, como foi o caso do advento das cores e do desenvolvimento das câmeras, que obtiveram imagens com mais definição e se tornaram mais leves e baratas. Além disso, surgiram novas ferramentas para ajudar os narradores, como é o caso do recurso de *replay*, que repete o

lance com velocidade ajustada; banco de dados, que traz os números do confronto; e transmissão simultânea, que permite mostrar outro evento ao vivo durante a partida. Neste novo cenário, os profissionais ganharam liberdade na atividade de narração esportiva, podendo inovar e elevar o nível técnico das transmissões.

Em 2020, um estudo da European Club Association (ECA)<sup>7</sup>, que teve a participação de torcedores brasileiros, demonstrou que a transmissão ao vivo de partidas é a forma mais comum de se engajar com futebol. No Brasil, os jogos são transmitidos tanto na televisão aberta (gratuita e disponível para toda a população) quanto na televisão por assinatura, também conhecida como a cabo – exclusiva e disponível apenas por meio de contratação e pagamento. Entre as emissoras que exibem as partidas, há os canais especializados em futebol que transmitem diariamente partidas nacionais e internacionais de diversos campeonatos ao redor do mundo. A cobertura é realizada na maioria das vezes em alta definição, com nível técnico elevado e a presença de avançadas tecnologias, que permitem ao público enviar comentários, fazer pedidos e interagir ao vivo com os narradores e comentaristas presentes na cabine.

A transmissão de um jogo de futebol pela televisão “mimetiza” esta experiência de estar no estádio com um radinho de pilha ao ouvido. As diferentes câmaras acompanham as jogadas (ou outros lances) enquanto a voz em off do locutor “diz” (define) o que está acontecendo. [...] Atualmente, dezenas de câmaras, fixas e móveis, espalhadas pelo campo salientam diversos aspectos do jogo, construindo-o como narrativa, como uma meta-representação do evento esportivo (GASTALDO, 2001, p. 3-4)

Para exibir o jogo, os canais de televisão precisam comprar os direitos de transmissão dos times em duelo. No caso do Brasileirão masculino, os direitos têm sido vendidos nos últimos anos ao Grupo Globo, “pioneiro no Brasil, principalmente no setor esportivo” (GOMES, 2015, p. 22). A empresa é detentora de uma variedade de canais de televisão aberta (como a Rede Globo) e por assinatura (como o canal de cinema Telecine, o de notícias 24 horas Globo News e os esportivos SporTV e Premiere). A transmissão dos jogos é realizada na televisão a cabo com uma frequência quase diária, com a cobertura das principais partidas de cada rodada. Já na Rede Globo, a cada semana, são exibidos tradicionalmente dois duelos. O primeiro confronto é transmitido na noite de quarta-feira e o segundo na tarde de domingo.

---

<sup>7</sup> O levantamento, intitulado “Fan of the Future – Defining Modern Football Fandom”, em português, “Fã do Futuro – Definindo o fã-clubes do futebol moderno”, entrevistou 14 mil entrevistados em sete mercados diferentes em todo o mundo, entre eles o brasileiro. A pesquisa foi publicada em setembro de 2020 e está disponível em: <[https://www.ecaeurope.com/media/4816/eca-fan-of-the-future-defining-modern-football-fandom\\_website.pdf](https://www.ecaeurope.com/media/4816/eca-fan-of-the-future-defining-modern-football-fandom_website.pdf)>. Acesso em: 09 abr. de 2021.

### 3. ESPECIALIZAÇÕES E CATEGORIAS DO JORNALISMO

Devido à diversidade das funções exercidas pelos profissionais de imprensa, o jornalismo pode ser dividido em especializações e categorias. No Brasil, um dos sistemas de classificação mais reconhecidos é o proposto pelos pesquisadores José Marques de Melo e Francisco de Assis em *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório* (2016). Com base em experiências investigativas e no acompanhamento de exercícios classificatórios, os autores compreendem que “o trabalho jornalístico, organizado e normatizado conforme padrões preestabelecidos, subdivide-se em, pelo menos, dois estágios complementares: os gêneros e os formatos” (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 41).

No modelo de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), os gêneros consistem em categorias do jornalismo que agrupam elementos e trabalhos com características semelhantes, e se expressam em formatos. Por sua vez, os formatos são elementos subordinados aos gêneros, que consistem em instrumentos – formas – adotados pelos emissores “para se manifestar e para fazer circular conteúdos elaborados em harmonia com circunstâncias distintas” (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016, p. 47). Logo, tanto os gêneros quanto os formatos possuem características próprias que os tornam únicos, estabelecidas com o avanço da atividade jornalística ao longo dos séculos.

Na *Classificação Marques de Melo*, registrada didaticamente pela primeira vez por Lailton Alves da Costa (2010), há cinco gêneros jornalísticos: informativo (nota, notícia, reportagem e entrevista); opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica); interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê); diversional (história de interesse humano e história colorida); e utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço). Segundo José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016), uma vez que o jornalismo se desenvolve diariamente, a identificação e a classificação são um desafio, o que possibilita o surgimento de novos formatos e gêneros com o tempo.

Os gêneros e formatos são, por sua vez, instrumentos utilizados no dia a dia, em maior ou em menor escala, em diferentes esferas de jornalismo especializado – sendo o termo “especializado” compreendido como a designação do “campo do saber junto a determinada área” (CARDOSO, 2018, p. 47). Segundo a pesquisadora brasileira Lustosa (1996), a especialização do jornalismo pode ser entendida como uma consequência dos ofícios do trabalho. Compreende-se então que, como a imprensa comunica uma diversidade de temas e eventos de interesse público, naturalmente, a produção jornalística pode ser seccionada em

áreas correlatas e semelhantes, que podem ser percebidas pelas próprias editorias e seções dos jornais.

Desse modo, a atividade jornalística pode ser dividida em temáticas, como esporte, cultura, política, economia, saúde, tecnologia e turismo. Na atualidade, além dos veículos tradicionais de imprensa que cobrem todas as áreas e possuem editorias que as diferenciam, há também aqueles que cobrem exclusivamente uma dessas áreas de conhecimento, como é o caso do canal ESPN (especializado em esportes), e o site de notícias Valor Econômico (especializado em finanças). Uma consequência dessa especialização dos veículos é que os conteúdos jornalísticos têm sido cada vez mais aprofundados e com mais informações técnicas, uma vez que os jornalistas e comunicadores têm se capacitado mais em um campo de conhecimento específico, dominando a temática.

### **3.1 Jornalismo esportivo**

No Brasil e no mundo, o esporte é um dos principais segmentos do jornalismo especializado. Apesar da popularidade, as atividades de tal especialização não são realizadas exclusivamente por jornalistas, uma vez que não há exigência de diploma para a prática do trabalho de imprensa. Por isso, ao analisar a composição do jornalismo esportivo, é comum encontrar uma variedade de profissionais nas funções de cobertura e transmissões dos jogos, como é o caso dos comentaristas esportivos, entre os quais comumente estão presentes personalidades relacionadas ao mundo dos esportes.

Independentemente da formação, o profissional que atua nessa área especializada tem como dever cobrir e divulgar o que acontece no mundo do esporte, desde modalidades populares, como o futebol e o automobilismo, até as mais variadas práticas, como o polo aquático e o tiro com arco. Para isso, são realizadas atividades como a transmissão ao vivo de partidas e acontecimentos na área, a apresentação e participação em programas de pré e pós-jogo, e a atualização do dia a dia de atletas, equipes e instituições esportivas. “Mais do que isso, o jornalista esportivo precisa estar preparado para lidar com diversos assuntos que interligam o acontecimento principal” (SILVEIRA, 2009).

As pautas [do jornalismo esportivo], em geral, envolvem a cobertura de eventos, partidas, campeonatos, treinos, contratações de jogadores e técnicos. São alvos da cobertura do jornalismo esportivo, também, as instituições que trabalham com o esporte e, por isso, geram produtos e fatos (confederações, comitês olímpicos, federações, clubes, torcidas). As políticas públicas (Ministério do Esporte, secretarias do Esporte, construções de instalações esportivas e de lazer) também são temas corriqueiros na interface da cobertura entre esporte e o ambiente político que o cerca. (BELMONTE; JÚNIOR, 2014, p. 3)

No século XXI, o jornalismo esportivo é considerado “um dos temas que mais ocupa espaço na imprensa” (GIACOMELLI, 2016, p. 17). A temática também é altamente mercadológica, uma vez que, além de atrair grande multidão, também está relacionada a competições de alto rendimento, megaeventos e imagens espetaculares (CAMARGO, 2005). Atualmente, há uma variedade de veículos de comunicação nacionais e internacionais que tratam e noticiam o mundo do esporte 24 horas por dia, nos mais diversos meios de comunicação. O futebol, por exemplo, além de ter destaque em jornais diários, também é tema de programas, colunas, sites e canais especializados que cobrem em tempo real todas as novidades e movimentações dos atores envolvidos nos jogos.

Entretanto, segundo o autor Carlos Iván Yáñez, apesar do jornalismo esportivo ter importância na sociedade moderna<sup>8</sup>, nem sempre foi assim. Em *El balón puede esperar* (1995), o escritor relata que tal especialização do jornalismo surgiu com a necessidade de noticiar o que acontecia no campo esportivo, sendo realizada, em sua origem, pelos próprios esportistas. Por muitos anos, a editoria de esporte foi considerada um “gênero menor”, “o irmão pobre da comunicação” (YÁNEZ, 1995, p. 51). Havia, portanto, uma desvalorização da figura do jornalista esportivo em razão da crença equivocada de que não era necessário ser jornalista para escrever sobre esporte, por ser um assunto que todos dominam (SILVEIRA, 2009).

O esporte das massas é visto por quem chega ao mercado como a área da qual todo mundo entende. Visão equivocada, mas avalizada por boa parte dos editores. Todo mundo viu futebol um dia na vida. Então, pronto! Está definido o futuro do jornalista sem especialidade. (COELHO, 2003, p. 43)

De acordo com os autores Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel, em *Manual do jornalismo esportivo* (2006), jornalismo é jornalismo, independente da área de especialização. “A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13). Desse modo, é evidente que, apesar do esporte ser um tema amplamente discutido e conhecido na sociedade, a figura do jornalista esportivo não é facilmente substituível por atletas ou conhecedores do tema. A atividade jornalística requer, em todas as suas esferas, que os processos de trabalho (pauta, apuração, produção, redação, edição e publicação) zelem pelos princípios da profissão de verdade, imparcialidade, precisão e outros.

Apesar dos preconceitos, ao longo dos anos, a editoria de esporte se tornou cada vez mais popular e transferiu os ex-atletas, em sua grande maioria, para os cargos de comentaristas

---

<sup>8</sup> O jornalista Yáñez (1995) utiliza tal expressão para se referir à Contemporaneidade, embora saiba-se que a sociedade moderna está relacionada a um período da história chamado Idade Moderna.

nas transmissões. Esse movimento é consequência de uma crescente especialização dos profissionais de imprensa que, na cobertura esportiva, precisam ser extremamente técnicos e apresentar elevado domínio do conteúdo para não serem criticados (CASTRO, 2005). Contudo, é impossível que os jornalistas esportivos dominem os detalhes e conhecimentos específicos de toda a gama de esportes. “Por isso, é necessária a especialização, mesmo que seja em poucas modalidades. É muito melhor conhecer à perfeição dois, três ou quatro esportes, do que ter conhecimento incompleto sobre todos” (YÁNEZ, 1995, p. 49, tradução nossa).

Segundo o comentarista esportivo Paulo Vinícius Coelho (2003), o mercado brasileiro possui uma limitação: ele só permite a criação de jornalistas especializados em futebol, automobilismo e, em alguns casos, tênis. Portanto, nas redações, não há a figura do jornalista de esportes, mas sim do simples jornalista, “aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades” (COELHO, 2003, p. 38). De acordo com o autor, essa condição justifica a necessidade de atletas nas transmissões, uma vez que os profissionais de imprensa da atualidade não possuem, em geral, conhecimento aprofundado sobre determinadas questões, como por exemplo o vocabulário específico de cada modalidade.

Nas editorias de esporte, geralmente fica bem separada a equipe que se dedica ao futebol da que faz outras modalidades. Não quer dizer que quem se dedica ao futebol não precise cobrir outro esporte. Cobre, sempre que a ocasião exigir. Mas é clara a divisão nas outras modalidades. Quem faz basquete também faz vôlei, atletismo, boxe etc. Mesmo que se dedique com mais afinco a um só esporte. (COELHO, 2003, p. 37)

Outra dificuldade no jornalismo esportivo brasileiro destacada pelo comentarista é que a editoria de esportes não possui os maiores salários das redações, sendo conhecida por ser, ao lado do segmento de cidade, a área pela qual os novatos na profissão iniciam suas carreiras. Ao adquirir experiência e técnica jornalística, esses profissionais migram para outras atividades que proporcionam melhor remuneração e menos horas de trabalho, como por exemplo, a assessoria de imprensa (COELHO, 2003). Além desse movimento – que não é exclusivo do jornalismo esportivo, o trabalho de imprensa também perde qualidade com os cortes salariais que atingem as maiores remunerações. Com isso, os profissionais com mais experiência e conhecimento são, em geral, retirados das redações.

Apesar desse cenário, nos últimos anos, a editoria de esporte, em especial a área destinada às coberturas de futebol, adquiriu publicidade e fama, sendo uma das mais lidas no Brasil. As transmissões dos jogos se reinventam, aderindo a formatos mais dinâmicos e atraentes ao público. Os programas futebolísticos são caracterizados por sua elevada audiência, seja nos meios de comunicação de massa ou na Internet, como é o caso da plataforma do

*Facebook Watch*, em que canais como a ESPN disponibilizam, com exclusividade e de forma gratuita, partidas de campeonatos brasileiros e internacionais.

Neste cenário, o jornalismo esportivo é repleto de especificidades, sendo confundido frequentemente com puro entretenimento (BARBEIRO; RANGEL, 2006). Uma das razões principais para essa ambiguidade é o fato de o esporte ter como característica principal a emoção. Por isso, a cobertura dos jogos “sempre misturou emoção e realidade em proporções muitas vezes equivalentes” (COELHO, 2003, p. 23). Um exemplo é a histórica narração da final da Copa do Mundo de 1994, realizada por Galvão Bueno na cobertura da Rede Globo. Quando o Brasil ganhou a competição após uma disputa por pênaltis, as imagens mostraram o narrador comemorando ao lado de seus colegas de transmissão e gritando o famoso “É tetra!”.

Desse modo, na atualidade, as coberturas esportivas prezam pela emoção e pelo interesse do público, proporcionando transmissões que podem ser consideradas espetáculos midiáticos. Além disso, o jornalismo esportivo se diferencia das outras categorias da profissão ao trabalhar diretamente com a publicidade, com a presença de anúncios de marcas e produtos durante a apresentação dos jogos. Isso se deve ao fato de que, por o esporte ser por si só um elemento de elevado valor mercadológico (MEZZAROBBA; SANTOS; SOUZA, 2017), as empresas de transmissão valem-se dessa condição e fornecem coberturas jornalísticas com foco no entretenimento, para assim atrair e fidelizar o público e, conseqüentemente, os anunciantes.

Logo, o jornalismo esportivo se difere das outras áreas ao oscilar na fronteira entre o entretenimento e a informação, proporcionando uma abordagem dos fatos e eventos de forma única e especial com foco não apenas no que é de interesse público – isto é, naquilo que a audiência precisa saber, mas também no que é de curiosidade e vontade dos ouvintes e telespectadores. Portanto, apesar de parecer contraditória a mistura da emoção do esporte com a imparcialidade jornalística, o jornalismo esportivo continua a ser jornalismo (BARBEIRO; RANGEL, 2006), porém, com formato próprio e elevado número de simpatizantes e apoiadores.

### **3.1.1 Jornalismo Opinativo**

O jornalismo opinativo é uma das categorias comunicacionais existentes nas produções da imprensa brasileira, conforme descrevem os jornalistas José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016). Essa categoria, por sua vez, é configurada especialmente pelo gênero opinativo, que interfere “na direção ideológica dos fluxos informativos” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 11). Assim, o jornalismo opinativo é caracterizado pela emissão de ideias, que podem ser reproduzidas majoritariamente pelos formatos de editorial, comentário, artigo,

resenha, coluna, caricatura, carta, crônica e suas variações (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2016).

No Brasil, o jornalismo opinativo foi destaque no início do trabalho de imprensa. Isso se deve ao fato de que as primeiras produções possuíam elevado caráter político e eram realizadas por duas frentes (MARQUES DE MELO, 2003). A primeira era a coroa real portuguesa, que divulgava matérias de exaltação da Corte e de manifestação de seus interesses, e a segunda era as produções clandestinas, que manifestavam opiniões e críticas do povo. Entretanto, com o tempo, o jornalismo opinativo deixou de ser prioridade na imprensa, sendo substituído majoritariamente por produtos puramente informativos.

Os poderosos da época, ao perceber que o jornalismo se torna, então, uma atividade em que todos poderiam ser passíveis de críticas, denúncias e ataques, procuram maneiras de cercear a expressão opinativa, decretando limites à liberdade de imprensa e, mais tarde, instituindo ferramentas de censura. (BARICHELLO; BERTOL; BERTONCELLO; MISTURA, 2019, p. 2).

Na atualidade, a opinião ocupa espaços cada vez menores e exclusivos nas produções jornalísticas (BARICHELLO; MISTURA; BERTOL; BERTONCELLO, 2019). Em geral, os trabalhos do jornalismo opinativo presentes nas páginas de jornais e nos portais de notícia possuem indicações distintas das demais matérias, sendo visual e graficamente diferenciados para que o leitor compreenda que não se trata necessariamente de uma representação fiel da realidade. Tal diferenciação é uma consequência do jornalismo contemporâneo que se adaptou às necessidades sociais de acesso a informações verídicas e imparciais de forma objetiva.

Os jornais foram transformados, no século XIX, a partir da industrialização da sociedade, a fim de harmonizar-se com as mudanças que ocorriam na época. Assim, não mais cabia ao jornal a função de ser instrumento de debate político, religioso e filosófico como era antes, ele passa, então, a priorizar a objetividade e a ter os fatos como objeto principal, com notícias “impessoais”. Essas novas características do jornalismo são criadas para atender às demandas da sociedade ávida por informações e cada vez mais dinâmica. (ADVÍNCULA; ALVES, 2018, p. 5)

Diante desse cenário, a distinção entre opinião e informação se tornou também acadêmica, sendo abordada por diversos pesquisadores brasileiros. Em *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (2003), o autor José Marques de Melo evidencia que o fazer jornalístico pode ser classificado em dois segmentos: o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Enquanto a primeira modalidade se refere ao relato dos fatos, a segunda trata da manifestação das ideias. Segundo o jornalista, tal classificação advém da “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MARQUES DE MELO, 2003, p.42), uma vez que as versões conteriam opiniões e compreensões particulares do emissor.



Portanto, nessa classificação binária, o jornalismo opinativo é caracterizado pela atribuição de valor na informação, o que impossibilita a pureza e imparcialidade da retratação do fato. Tal qualidade pode ser assimilada como consequência não apenas da atividade individual do jornalista redator, mas também do processo e da estrutura jornalística que permeiam a produção, uma vez que os trabalhos do jornalismo de opinião estão intimamente orientados pelos chamados núcleos emissores, isto é, as vozes representativas do jornal enquanto empresa (ADVÍNCULA; ALVES, 2018).

Apesar da separação categórica, José Marques de Melo (2003) evidencia que o jornalismo continua sendo um processo social dotado de profundas implicações políticas, em que a expressão ideológica possui caráter determinante. Portanto, é possível que os segmentos opinativo e informativo, por vezes, se misturem e apresentem elementos característicos um do outro em suas produções. Devido a esse limiar fluído das categorias, pesquisadores como o jornalista português Manuel Chaparro (2008) destoam da divisão binária e defendem que o jornalismo não é divisível, mas sim construído com informações e opiniões. Segundo o autor, até mesmo produtos do jornalismo informativo, como a notícia, possuem opinião.

No “policimento” da opinião, que os crentes da objetividade fazem, é claramente identificável um viés moralista, como se a opinião, por si só, tornasse suspeita a informação. E a questão não é só moral nem ética, mas técnica: para o relato dos acontecimentos, a narração é mais eficaz. Ao relatar, narra-se uma história, com suas complicações e seus sucessos, mas os juízos de valor estão lá, explícitos, nas falas (escolhidas) dos personagens, às vezes até na agressividade dos títulos, e implícitos, nas intencionalidades preexistentes das estratégias autorais e nas intencionalidades adquiridas pelo próprio texto (CHAPARRO, 2008, p.163).

Outro opositor à dualidade opinião-informação é o pesquisador Luiz Beltrão (1980), que define o jornalismo, antes de tudo, como informação. Segundo o autor, a atividade jornalística consiste na “informação dos fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum” (BELTRÃO, 1960, p. 62). Tal concepção demonstra que, para além da simples divulgação clara de informações e fatos atuais que sejam de interesse público, o jornalismo também tem o dever intrínseco de formar e orientar a sociedade para o bem comum.

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social. (BELTRÃO, 1980, p.14)

Portanto, independentemente da linha de pensamento a ser seguida sobre a categorização do jornalismo, a opinião é considerada um dos principais pilares da atividade de

imprensa. Assim como outras categorias, o jornalismo opinativo, em geral, possui origem na realidade, mais especificamente no fato (ASSIS; MARQUES DE MELO, 2010), e tem o compromisso ético e moral com a mensagem transmitida. Por isso, mais do que a simples emissão de uma opinião individual do autor, o produto do jornalismo opinativo é “a manifestação corporificada do tão discutido fenômeno social da opinião pública” (BELTRÃO, 1980, p. 19), uma vez que, para formular e emitir a opinião, o jornalista deve dominar a informação, regê-la e observá-la na sociedade (BELTRÃO, 1980).

No jornalismo esportivo, a opinião está presente nos comentários emitidos nas coberturas dos jogos, tanto nas transmissões ao vivo quanto nos programas especializados sobre o tema. Os comentaristas esportivos, para além de apresentarem explicações mais aprofundadas dos fatos que se desenvolvem em campo, também inserem em suas falas opiniões e julgamentos próprios – pessoais ou da empresa de transmissão (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018). Esses pontos de vista, em geral, têm por objetivo guiar a percepção da audiência sobre o que ocorre em campo, e desfrutam de elevada credibilidade ao unirem “técnica, precisão, análise estatística e carisma” em seu discurso (SCHINNER, 2004, p. 62).

#### **4. ELEMENTOS DO DISCURSO DO JORNALISMO ESPORTIVO: A NARRAÇÃO E O COMENTÁRIO**

Um dos fatores que fazem do futebol um fenômeno social brasileiro é a forma com que os acontecimentos são retratados pela imprensa, em especial, através do discurso. (GUEDES, 2011). Isso se deve ao fato de que os jogos sempre ultrapassam a partida em si e exigem debates, discussões, avaliações e posicionamentos, atividades essas que são realizadas intensamente pela imprensa no Brasil (GUEDES, 2011). Tais coberturas futebolísticas são caracterizadas por terem suas especificidades, que diferem o jornalismo esportivo de outras categorias da profissão. Entre elas, há dois dos principais elementos do discurso que se revezam e se complementam nas coberturas esportivas: a narração e o comentário (SANTOS, 2010).

Segundo o pesquisador Guerra (2006), a união do futebol com a narração esportiva torna a prática no Brasil um espetáculo à parte. Segundo o estudioso, desde as primeiras transmissões radiofônicas realizadas por Nicolau Tuma e Amador Santos, os narradores de rádio e de televisão têm desenvolvido estilos próprios de descrição das partidas. Com o intuito de ilustrar o imaginário do torcedor e conquistar a audiência, esses profissionais “utilizaram formas criativas, inventaram bordões e buscaram no próprio povo expressões que pudessem facilitar a identificação com o que estavam falando” (GUERRA, 2006, p. 66).

Por sua vez, o comentário é elemento importante para a dinamicidade das coberturas jornalísticas, sendo o comentarista esportivo peça fundamental em uma transmissão de futebol no rádio e na televisão (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018). Apesar de criticado, o comentário esportivo tem a função de complementar a atividade de narração, ao traduzir e explicar, em certo grau, o que ocorre dentro de campo e, por vezes, fora dele. Devido a esta similaridade das atividades esportivas nas transmissões, o comentário e narração podem se misturar e ser confundidos pela audiência, o que torna essencial a delimitação teórica de tais atividades.

##### **4.1 Narração**

A narração é um componente do discurso jornalístico que pode ser utilizado nas produções de todos os gêneros e especialidades da profissão. No jornalismo esportivo, tal elemento é tarefa central daqueles que se propõem a conduzir as transmissões dos jogos, que podem ou não ser jornalistas – devido à não exigência de diploma para exercer a função. Um exemplo são os próprios comentaristas esportivos que, dependendo da necessidade, podem assumir por alguns instantes, em seus turnos de fala, a função de relato para que o público não

perca o lance. Entretanto, mesmo com essa variedade de perfil do narrador, ainda há uma “demanda de qualificação de profissionais, seja no campo da narração de jogos, seja no aprimoramento da linguagem” (LEVISOLO; MOURIM, 2004, p. 12).

Portanto, o profissional que almeja trabalhar com narração deve desenvolver uma série de habilidades que o permitirão realizar transmissões agradáveis ao público e que cumpram com o compromisso de relato dos acontecimentos. Entre as principais características que um narrador esportivo deve apresentar estão emoção, conhecimento, cultura, espírito de liderança, carisma, credibilidade, ética e valorização da palavra falada (COSTA; GÖTZ, 2020), além de criatividade, improviso, espontaneidade, naturalidade e oralidade e narrativas claras (FABRIS, 2018; GOMES, 2015).

O trabalho de narrar um evento esportivo, como o futebol, possui em essência o dever de recriar a realidade a partir do discurso (FABRIS, 2018), isto é, reproduzir o que se desenvolve nos jogos por meio do relato e da descrição em palavras e expressões. Desse modo, o narrador é a figura responsável por observar a partida enquanto telespectador, seja “da plateia, da arquibancada, da cabine de imprensa no estádio ou de um poltrona na sala de estar ou na biblioteca” (BRINATI, 2005, p. 17), para então poder intercambiar a experiência do jogo para o público ao informar, explicar e contextualizar os fatos de forma simultânea, transparente e de fácil compreensão (BRINATI, 2005).

[...] [Narrador] é o profissional responsável por observar tudo o que acontece dentro e fora das quatro linhas e relatá-las em tempo real ao espectador, ou seja, apropriando-se de uma imagem, ele deve utilizar a sua oralidade para transmiti-la da maneira mais objetiva e clara possível, para que não haja ruídos entre o real e o imaginário, afinal, é este que circunda a mente do receptor, no caso do rádio. A oralidade e a narrativa devem ser claras em qualquer veículo, cada uma a seu critério. Na TV, para ser fiel à imagem e fugir do óbvio; no rádio, para possibilitar ao ouvinte “enxergar” o jogo. (GOMES, 2015, p. 24)

Diante desse contexto, o narrador poderia ser considerado um mero reproduzidor de histórias e eventos. Entretanto, seu papel vai além, pois a reprodução é realizada com riqueza na codificação dos fatos, o que proporciona narrativas dramáticas e agradáveis de serem ouvidas, e traz uma forte carga emotiva (BRINATI, 2005). Além disso, para atrair e fidelizar o público, muitos narradores preocupam-se “em transformar a transmissão em uma espécie de espetáculo” à parte (COSTA; GÖTZ, 2020, p. 127). Por isso, as coberturas esportivas tanto no rádio quanto na televisão podem ser observadas também como um produto não apenas informativo, mas também de entretenimento.

Essa espetacularização das transmissões do jornalismo esportivo é proporcionada pela ultra popularização, pelo show e pela cobertura pautada no entretenimento como parte do rito

de informar (BELMONTE; JÚNIOR, 2014). Nessas produções, é comum que os narradores, além de descreverem os lances e acontecimentos das partidas, cedam cada vez mais espaço às brincadeiras e aos momentos de descontração com os comentaristas, os repórteres e até mesmo com o público, que participa através das mídias sociais. Assim, o jornalismo esportivo se subverte “aos interesses comerciais da indústria do entretenimento”, com menos informação e mais diversão em suas coberturas (BELMONTE; JÚNIOR, 2014, p. 15).

Tal hibridismo entre as práticas e os conceitos de informação e entretenimento é conhecido pelo neologismo “Infotainment” – em português, infotenimento (GOMES, 2009). Criado na década de 1980, o termo se refere, na área da Comunicação, “ao embaralhamento de fronteiras de áreas presumivelmente distintas da cultura midiática, informação e entretenimento” (GOMES, 2009, p. 2). Assim, esse tipo de conteúdo – que caracteriza a cultura midiática hodierna (GOMES, 2009) – visa informar e ao mesmo tempo divertir o público, e, para isso, comumente insere nas produções uma linguagem mais informal e recursos como o humor e a emoção.

Conforme a pesquisadora Carla Torres (2011), a tendência é que o infotenimento seja cada vez mais aprofundado e inserido nas produções midiáticas ao longo do século XXI. Um exemplo da aplicação desse tipo de conteúdo é o trabalho realizado pelo comunicador Tiago Leifert no programa de televisão *Globo Esporte* de São Paulo. Segundo informações do Memória Globo<sup>9</sup>, o profissional foi responsável por diversas mudanças no formato da produção, que a tornou mais atraente e informal, com foco de informar através do entretenimento tanto nas reportagens como na condução do programa.

Além de relatar os acontecimentos e entreter a audiência, o narrador também é compreendido como um “elemento central e gerenciador do discurso produzido em uma transmissão esportiva” (SANTOS, 2012, p. 32). Isso se deve ao fato desse profissional ser, principalmente nas transmissões televisivas, quem conduz a cobertura, sendo responsável pela maior parte dos turnos de fala. O narrador é também quem define os momentos de participação de comentaristas e repórteres ao solicitar suas presenças e é quem estabelece comunicação direta com a audiência, através da leitura das mensagens recebidas pelas mídias sociais e do

---

<sup>9</sup> O Memória Globo é um site do Grupo Globo que reúne informações sobre os profissionais que atuam na emissora. O perfil do jornalista Tiago Leifert está disponível para leitura em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/tiago-leifert/perfil-completo/>>. Acesso em: 07 mai. de 2021.

diálogo direto através de *slogans*<sup>10</sup> e jargões, como “O melhor time é o seu!” ou “Bola em jogo pra você ligado na Globo!”.

Contudo, na prática do jornalismo esportivo, em especial na realizada no rádio, há controvérsias sobre quem é o profissional responsável pelo gerenciamento das transmissões e dos programas esportivos. Tal dever pode ser atribuído à figura do locutor e não à do narrador, uma vez que este último se limitaria ao trabalho de descrever e relatar cada acontecimento que se passa durante os 90 minutos ou mais de uma partida de futebol (HERMANN, 2020). Por sua vez, o locutor seria responsável por apresentar o programa ou a transmissão e por fazer inferências sobre os fatos (HERMANN, 2020). Entretanto, há pesquisadores que se opõem a essa separação dicotômica e tratam a narração e a locução como elementos complementares.

Segundo a autora Ana Clotilde Thomé Williams (2002), a locução seria um gênero maior do discurso que contém em si os subgêneros narração, comentário e conversação. Porém, “em se tratando de futebol, no Brasil, sempre nos referimos à locução futebolística como “narração”” (Williams, 2002, p. 212). Diante dessa tese, a presente pesquisa considerará sob a nomenclatura de narração todo o trabalho de responsabilidade da figura do narrador e do locutor. Isso porque, na atualidade, a maioria das transmissões televisivas e radiofônicas une essas funções em um único profissional, como é o caso, por exemplo, do jornalista Galvão Bueno, que, além de narrar, também apresenta e gerencia as coberturas futebolísticas.

Nessa conjuntura, portanto, compreende-se que o modo como a informação será transmitida depende das escolhas do narrador, “das ações que ele julga serem relevantes ou interessantes para seus interlocutores” (SANTOS, 2010, p. 34). No futebol, há também outros fatores que influenciam e distinguem os processos narrativos uns dos outros, como por exemplo a emissora que transmite a partida, a escolha dos comentaristas presentes, as equipes em confronto, o horário e o local do jogo, a presença ou não de público, a disponibilidade de tecnologias (câmeras e base de dados) ou o suporte de transmissão (como televisão, rádio ou Internet). O fator ao vivo também influencia no formato de narração, uma vez que o rápido desenvolvimento dos lances nas coberturas em tempo real requer a habilidade de improvisação e espontaneidade do narrador.

Outra condição que influencia o formato de cobertura dos jogos é o estilo empregado pelo narrador. Para atrair a atenção do público e inserir emoção às transmissões, cada profissional esportivo desenvolve uma linguagem própria de enunciação (FABRIS, 2018), que o destaca à sua maneira e promove reconhecimento imediato de quem narra a partida por parte

---

<sup>10</sup> O termo *slogan* se refere a uma expressão, em geral, curta e de fácil memorização, utilizada para criar identificação imediata do público com uma empresa ou uma marca.

do torcedor (GOMES, 2015). Essa distinção do discurso pode ser realizada de diversas formas com o uso, por exemplo, de entonações diferentes em cada momento da partida ou de jargões e expressões marcantes, que muitas vezes são resgatadas do dia a dia da audiência e promovem uma ligação direta do público com a transmissão.

Por vezes rebatizar o universo futebolístico, buscando uma terminologia inédita que caracterize o próprio narrador é um dos objetivos para quem está no ar durante uma partida de futebol. Caracterizar uma jogada bem executada, um drible desconcertante, ou até mesmo o gol, com uma palavra recriada é o papel do narrador. (FABRIS, 2018, p. 41)

Apesar de por vezes ser questionado por estudiosos e pelo próprio público, o estilo de narração enriquece e promove dinamicidade às transmissões, ao informar a audiência de forma breve e inteligente sobre o que acontece em campo (CAPINUSSÚ, 1997). “Brincando com as palavras, criando neologismos e empregando um ritmo veloz e de emoção, os narradores esportivos encontraram fórmulas que caíram no gosto popular” (BRINATI, 2005, p. 42). Logo, nota-se que há o movimento contrário de transporte de expressões e bordões esportivos para o cotidiano do público, o que realça o futebol como um espetáculo que ultrapassa a simples ideia de entretenimento (FABRIS, 2018).

Entretanto, desenvolver um estilo próprio de narração não é uma tarefa fácil. Segundo Barbeiro e Rangel (2006), como nunca houve uma escola definida sobre a linguagem jornalística, é necessário realizar uma mescla de tentativa e de erro. Além disso, é preciso compreender que, mesmo quando o narrador possui um estilo definido, o processo narrativo ainda está suscetível a mudanças de acordo com cada partida, pois as expressões e construções podem ser utilizadas ou não dependendo do desenvolvimento dos fatos e da reincidência das mesmas ações de outra partida (SANTOS, 2010).

O fator suporte também é determinante para a escolha do tipo de narração a ser realizada. Apesar dos meios de comunicação terem influência da ideologia e dos interesses da empresa de comunicação, o processo narrativo se altera dependendo das ferramentas disponibilizadas, como áudio e imagem. No caso do rádio – veículo de comunicação intrinsecamente sonoro, o ouvinte acompanha o jogo através da lente do narrador, isto é, a partir do cenário que esse emissor cria a partir da enunciação (SANTOS, 2010). Logo, há um certo nível de liberdade de descrição que permite ao locutor destacar e supervalorizar os fatos através da enunciação, para que o público se envolva emocionalmente.

Já na televisão, devido à presença da imagem, o telespectador é testemunha esclarecida dos acontecimentos, o que eleva a responsabilidade do narrador “em relatar fielmente o acontecimento e, ao mesmo tempo, o compromete, pois a narrativa que constrói não pode

prescindir da visada de captação” (CHARAUDEAU, 2006, p. 157). Portanto, o processo narrativo nesse suporte deve ter o intuito de descrever os fatos em sequência, de incitar os telespectadores a partilharem emoções e opiniões, e de apresentar explicações sem análises mais aprofundadas por meio de recursos linguísticos ou da imagem (SANTOS, 2010). Assim, o narrador assume o papel de um maestro que orienta a compreensão do jogo.

As imagens que são vistas pelo telespectador apresentam uma orientação em termos de significado, pois, ao serem mostradas, são acompanhadas da fala de um ou mais jornalistas os quais imprimem um significado a elas (considerando, é claro, a situação comunicativa como um todo), seja simultaneamente ao momento em que são mostradas, seja a posteriori, como no caso de uma notícia, por exemplo. (SANTOS, 2010, p. 35)

Na atualidade, a televisão disponibiliza ao narrador uma série de recursos técnicos que são capazes de auxiliar o processo de enunciação e de promover uma transmissão mais atraente e interessante ao público. “Sinais sonoros, vinhetas e a arte gráfica na TV são alguns exemplos de ‘ferramentas’ que os meios de comunicação dispõem para manter o ouvinte/telespectador ‘ligado’ nas partidas de futebol” (BRINATI, 2005, p. 43). Além disso, estão disponíveis ferramentas como bancos de dados, que trazem estatísticas e informações sobre o jogo, e recursos como replay, close das câmeras e efeitos computacionais, que mostram lances que não tinham sido exibidos antes ou que merecem ser vistos novamente com destaque e com possível explicação do narrador (SANTOS, 2010).

A televisão possui ainda outro fator que diferencia seu processo narrativo dos demais meios de comunicação. Como o telespectador é capaz de acompanhar o jogo visualmente, é possível conhecer a fisionomia do narrador durante os momentos em que a bola não rola, isto é, no início e no fim da transmissão, bem como no intervalo da partida. Esse recurso promove um estreitamento na relação público-narrador, que permite ao comunicador ser visto como uma figura acessível e mais impessoal diante do público. Tal ligação é também aproximada com a ilusão de que a narrativa dos acontecimentos do jogo se desenvolve simultaneamente ao desencadeamento dos fatos (SANTOS, 2010).

Contudo, apesar dos inúmeros esforços daqueles que conduzem as transmissões, a narração não agradará sempre a todo o público, conforme afirma o autor Rodrigo Rocha Gomes em *Narração Esportiva no Rádio* (2015). No estudo, ao entrevistar telespectadores e influentes narradores de televisão da atualidade, como os jornalistas Cléber Machado, Luís Roberto, Jota Júnior, Milton Leite, Luiz Carlos Júnior e outros, Gomes (2015) concluiu que o dever do narrador não é seguir a perfeição, mas sim contar a história que está se desenvolvendo em campo, a partir dos princípios básicos da enunciação esportiva e com estilo próprio, que deve ser



encontrado de forma natural, sem forção. A partir das entrevistas, o pesquisador Gomes (2015) também definiu as principais habilidades que um jornalista esportivo deve desenvolver para realizar transmissões com elevado nível técnico.

Analisando suas falas, entendemos que o narrador esportivo da televisão deve ser preciso: estar sempre ligado no que está acontecendo e acertando quem está com a bola, qual jogada está se desenvolvendo, para que a imagem não o desminta. Outro ingrediente fundamental na narração é a informação. O narrador, para trabalhar em um jogo, deve ter estudado tudo o que o envolve, para entender e informar ao telespectador tudo o que está acontecendo durante o espetáculo, sem que nada importante fique de fora. Também percebemos que o narrador deve ter um enorme equilíbrio emocional, para se adequar ao tom do jogo, e, desta forma, transmitir uma verdade ao telespectador. Ele deve ter um tom mais alto quando o jogo é mais agitado e um tom mais baixo, quando o contrário. (GOMES, 2015, p. 55)

Diante desse contexto, é evidente que não há um modelo único de narração esportiva no Brasil. Tal processo discursivo possui diferentes níveis técnicos de transmissão que dependem de fatores variados, entre eles, o suporte em que ocorre a cobertura e o comunicador que a conduz. Além disso, é evidente que, nas transmissões esportivas atuais, dentre todos os profissionais que nela trabalham, o narrador é a figura que exerce o maior número de funções discursivas (SANTOS, 2010). Isso se deve à ausência de delimitações conceituais e técnicas, que proporciona uma liberdade da prática de narração e, conseqüentemente, uma mistura do papel do narrador com o de locutor, apresentador e, até mesmo, comentarista.

Entretanto, apesar dessas peculiaridades, as narrações esportivas apresentam regularidade em alguns aspectos, como por exemplo no objetivo de informar e relatar a história que acontece em campo, na sobreposição do relato em detrimento do comentário, na dinamicidade da informação (SANTOS, 2010), e na estrutura dos programas. Devido às regras que orientam e uniformizam os jogos, os programas de cobertura em geral são semelhantes, com abertura, apresentação do jogo e análises nos intervalos e no final da transmissão. Além disso, a equipe é composta por profissionais com características e funções bem definidas (SILVA, 2008) que auxiliam o narrador a conduzir a transmissão, como é o caso dos comentaristas esportivos.

## **4.2 Comentário**

Outro elemento marcante no jornalismo esportivo é o comentário, que consiste na tradução dos acontecimentos do jogo em termos técnicos e táticos para o público (GASTALDO, 2001; FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018). O principal responsável por tal função nas coberturas esportivas é o comentarista esportivo, cujo foco é apresentar sua visão dos fatos por meio de análises com conteúdo (NETTO, 2013). Diferente do narrador, que tem o dever de

apresentar e explicar os eventos através do processo de causa e consequência, o comentarista tem por objetivo expor avaliações e pensamentos mais aprofundados sobre o que ocorre na partida.

O comentarista tem a função de explicar e permitir ao torcedor que acompanhe de forma diferenciada o jogo. Ele deveria ter uma áurea de credibilidade não se envolvendo em disputas emocionais, sem conteúdo, que, ao invés de enriquecer a transmissão, empobrece (...). Seu conteúdo deveria ser passado de uma forma simples e didática para o torcedor. Mas muito do que se vê hoje na televisão e no rádio é aquele que finge ser contundente ou indignado com o andamento da partida ou fato ocorrido. Neste caso, o comentarista corre o risco de virar um grande personagem (RANGEL, 2008).

Entre as atividades atribuídas àqueles que emitem comentários estão explicar os fatos que se desenvolvem em campo; opinar sobre informações dos bastidores; analisar o jogo a partir de questões técnicas, desempenho e estatísticas; identificar possíveis problemas; apontar possíveis soluções; repassar dados relevantes; fazer projeções técnicas; responder em tempo real às dúvidas selecionadas da audiência; e opinar acerca de temas que permeiam o confronto entre as duas equipes (FABRIS, 2018; FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018; NETTO, 2013; SANTOS, 2010).

Assim como a condição do narrador, para realizar tais funções discursivas, não é necessário ser jornalista formado, o que favorece a presença de outros interlocutores na função de comentaristas (SANTOS, 2010). Por esse motivo, nas transmissões esportivas atuais, muitos desses cargos são ocupados por personalidades ligadas à área do esporte, em especial, ex-atletas, técnicos e árbitros. É comum que, após o fim de suas carreiras no mundo esportivo, esses profissionais sejam convidados por emissoras de rádio e televisão para participar das coberturas na função de comentaristas (FELBERG, 2020), como é o caso do ex-jogador de futebol Walter Casagrande e a ex-jogadora de vôlei Fabiana Alvim.

Por tratar-se de um assunto conhecido por muitos e que atrai a atenção de grande parte da população, o esporte é visto como um mero entretenimento, um espetáculo que atrai as massas. Apostando nessa peculiaridade da espetacularização do esporte que as emissoras de TV estão utilizando cada vez mais a figura do ex-atleta na função de comentarista esportivo em detrimento de jornalistas especializados no tema. (NETTO, 2013, p. 2)

Apesar de não possuírem conhecimento prático do jornalismo, os ex-esportistas são inseridos nas transmissões com o objetivo de elevar o nível técnico da cobertura e atrair uma ampla audiência, uma vez que, devido a sua trajetória esportiva, desfrutam de elevada credibilidade com o público (BRINATI, 2005; NETTO, 2013). Uma das principais consequências da inserção desses profissionais nas transmissões é a ampla disseminação para o público da linguagem utilizada pelos atletas de futebol, conhecida como “futebolês” (NETTO,

2013). Por isso, na atualidade, é comum encontrar expressões futebolísticas sendo usadas no cotidiano da população, como “bola fora”<sup>11</sup> e “nos 45 do segundo tempo”<sup>12</sup>.

Em entrevista pessoal ao pesquisador Felberg (2020), o ex-jogador de futebol Juliano Belletti, que atuou como comentarista esportivo no canal a cabo SporTV, afirmou que o exercício de tal função nas transmissões é mais fácil para o ex-atleta, uma vez que esse profissional já teria o embasamento prático. “Quando ele encerra a atividade profissional, tem a porta aberta para os comentários esportivos por causa da carreira que teve e pelas suas boas colocações em entrevistas e comentários quando jogador” (BELLETTI, 2017 in FELBERG, 2020, p. 9). Tal opinião também é compartilhada por outro entrevistado de Felberg (2020), o ex-jogador de futebol William Machado (2017).

Contudo, há críticas em relação ao trabalho desempenhado por essas personalidades do esporte no cargo de comentaristas. Segundo Netto (2013, p. 7), apesar dos ex-atletas viverem na atualidade seu apogeu quantitativo no trabalho de tecer comentários, sua participação cada vez mais constante nas transmissões faz com que a qualidade diminua, uma vez que “os ex-ídolos do esporte muitas vezes não demonstram com palavras e ideias a mesma intimidade que tinham com a bola”. O jornalista Paulo Vinícius Coelho (2003) também reclamou da presença massiva desses profissionais como comentaristas esportivos no lugar de jornalistas especializados.

Despreza-se muito o conhecimento adquirido por jornalistas. E o exercício do jornalismo vira atividade técnica pura e simples. [...] É como se o jornalismo fosse apenas capacidade de apurar informação. E não precisasse transmitir informação ao receptor com qualidade. [...] Eles [os ex-atletas] não estão na emissora pela capacidade incontestada de transmitir o conhecimento que adquiram dentro de campo. Exceção feita a [Leovegildo Lins Gama] Júnior, todos despertam dúvidas quanto aos comentários sobre o futebol do presente, embora ninguém conteste a qualidade do futebol demonstrada no passado, dentro do campo. Mas eles estão lá porque têm grife. Nome forte, capaz de atrair os torcedores para a transmissão (COELHO, 2003, p. 53)

O escritor Ruy Castro (2005, p. 38) também destaca que há uma comparação desmedida entre a figura do jornalista e do ex-atleta na atividade de comentários, ao afirmar que, enquanto o “comentador-boleirão já é conhecido do público – até demais, o jornalista precisa, a cada escanteio, mostrar que estudou o esporte”. Uma solução para essa questão, segundo Castro (2005), é ter na cobertura um ex-jogador-comentarista, com a função de mostrar o jogo que

---

<sup>11</sup> No futebol, a expressão se refere ao momento em que a bola ultrapassa alguma das quatro linhas que delimitam o campo de jogo. Já popularmente, refere-se ao momento em que alguém passa por algum vexame ou fala alguma coisa errada.

<sup>12</sup> A expressão significa no futebol um dos últimos momentos do jogo, sendo conhecido como o período mais intenso de algumas partidas por ser quando os times mais se arriscam para fazer um gol. Já na linguagem popular, refere-se a algo que é feito de última hora.

poucos vêem, com pitacos técnicos, táticos e psicológicos de quem tem experiência de vida futebolística; e um jornalista-comentarista, que trata de informações qualificadas, estatísticas da partida e dados, sob a luz e a inspiração da ética jornalística (CASTRO, 2005, p. 38).

Outra figura que, por vezes, também assume a figura de comentarista esportivo é o próprio narrador da transmissão, que, em alguns momentos, deixa de relatar os acontecimentos para tecer comentários – o que em essência não é uma tarefa narrativa. Um exemplo é quando o narrador emite sua opinião, faz uma crítica à arbitragem (SANTOS, 2010) ou, até mesmo, dá palpites nas ideias do comentarista, invadindo “o terreno alheio” (BRINATI, 2005, p. 63). Há casos também em que os narradores passam a privilegiar os momentos de comentário – tanto nas suas falas quanto nas dos outros membros da equipe de transmissão – em detrimento dos períodos de relato de acontecimentos (SANTOS, 2010).

Alguns autores definem esse movimento do narrador de emitir opiniões como “comentada” (SCHINNER, 2004) e o profissional que as profere como “narrista” (BRINATI, 2005). Em geral, quando isso ocorre, é comum que os narradores sejam criticados, uma vez que, devido a presença de juízos de valor e posicionamentos no comentário, tal elemento discursivo diverge do dever de narrar com imparcialidade. Um exemplo dessa insatisfação foi evidenciado no estudo do Gomes (2015, p. 50), em que sete dos treze telespectadores entrevistados disseram que “os narradores fogem da sua função para opinar sobre o que está acontecendo”. Tarefa esta que, segundo os telespectadores, deveria ser do comentarista. Em entrevista pessoal a Fabris (2018), o jornalista Luís Magno também teceu críticas.

Durante o jogo, o narrador não opina. Ele deve narrar o jogo, descrever o jogo. No máximo propõe uma questão ao comentarista, mas não induz o teu pensamento. O comentarista está ali justamente para comentar, senão seria parecido com o Galvão Bueno (narrador, comentarista e repórter). Eu tento evitar os comentários, me polio para isso. Hoje em dia já está mais definida a situação de comentaristas, repórteres e narradores, mas antigamente havia uma liberdade maior em razão à “mistura” de papéis. (MAGNO, 2018 in FABRIS, 2018, p. 60)

Entretanto, na atualidade, “é cada vez mais raro profissionais da comunicação terem apenas uma função, e com os narradores não é diferente” (FABRIS, 2018, p. 64). Assim, na fala daqueles que se propõem a narrar os jogos, é possível visualizar funções e elementos do trabalho de outros membros da equipe de transmissão, como comentaristas, repórteres e até mesmo anunciantes publicitários (FABRIS, 2018). Diante dessa conjuntura, para melhor compreensão, o presente estudo considera o comentário e a narração como elementos discursivos complementares que podem ser realizados com mais ou menos frequência por cada membro da equipe de transmissão.

Fato é que, independentemente do profissional que se dedique à tarefa de tecer comentários, é preciso ter mais do que conhecimento empírico do assunto tratado (ANDRADE; BRITOS, 2008). Entre as características e habilidades que auxiliam a produção desse elemento discursivo, estão: estar constantemente atualizado; ser capaz de contextualizar os fatos; e dominar a linguagem utilizada no esporte (ANDRADE; BRITOS, 2008). Além disso, segundo o jornalista Wagner Vilaron (2017) em entrevista pessoal a Felberg (2020), é fundamental que os comentaristas esportivos pratiquem o bom senso no dia a dia da profissão.

O ex-jogador precisa ter a humildade para entender que o fato de ele ter jogado profissionalmente não o gabarita, automaticamente, para ter a palavra final sobre qualquer assunto relacionado a futebol. Nenhum comentarista de cinema precisa, necessariamente, ter sido ator ou diretor. Os jornalistas, por sua vez, devem entender que se eles podem estudar e se aprofundar no futebol, ex-jogadores também podem desenvolver habilidades e técnicas de comunicação. (VILARON, 2017 in FELBERG, 2020, p. 10)

Portanto, para se tornar um bom comentarista é necessário entender de futebol como um todo, isto é, “com conhecimento de dados estatísticos, táticos, políticos, históricos e culturais” (NETTO, 2013, p. 12). Ao dominar esses conhecimentos, é preciso compreender que a responsabilidade do profissional se eleva, uma vez que quaisquer comentários provocam repercussões positivas ou negativas, e que a opinião não significa a verdade absoluta dos fatos (NETTO, 2013). Por isso, na atualidade, os comentaristas esportivos que estudam, apresentam conhecimento total do assunto e alicerçam suas posições nas análises tática e de desempenho são os que alcançam elevados níveis de credibilidade junto à audiência (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018).

No que se refere às coberturas televisivas dos jogos, o espaço fornecido ao comentário varia devido a uma série de fatores, como, por exemplo, a emissora que realiza a transmissão e o profissional que a conduz (SANTOS, 2010). Isso porque, como o relato é o foco do narrador, o comentário é inserido em momentos que, em geral, não prejudicam a descrição dos grandes lances. No rádio, por exemplo, devido à ausência de recurso visual, os momentos de relatos são priorizados em detrimento do comentário. Assim, o narrador não cede muito tempo à transmissão para propor discussões, fornecendo breves momentos para a divulgação de comentários, informações alheias à partida e publicidades de patrocinadores (SANTOS, 2010).

Por isso, é comum que, nas transmissões, o narrador solicite a participação dos comentaristas lhes fazendo perguntas diretas ou pedindo sua opinião. Quando não há essa solicitação, os próprios comentaristas pedem a palavra, e com o sinal positivo, manifestam suas ideias. Se durante o turno de fala desse profissional se desenvolver um lance importante do jogo, é de praxe interromper o comentário e devolver para o narrador. Essas regras implícitas

na transmissão a respeito dos momentos de fala, principalmente na televisão, têm por objetivo fazer com que a cobertura seja naturalmente fluída e organizada, para que o telespectador possa compreender com clareza os acontecimentos que se desenvolvem em campo (SANTOS, 2010).

No âmbito do jornalismo esportivo e, em especial, na narrativa esportiva de futebol, o narrador e os comentaristas procuram criar um ambiente de descontração, no qual a liberdade de expressão predomine, para que o telespectador, ao integrar-se ao discurso do narrador, sinta-se, juntamente com ele, como os próprios técnicos, ordenando o que os jogadores devem ou não fazer. (SANTOS, 2010, p. 87)

Devido à variedade de funções que são atribuídas ao comentarista esportivo, é comum que as equipes das transmissões esportivas da atualidade, em especial as televisivas, tenham em sua composição mais de um comentarista. Além de promover dinamicidade à cobertura (BRINATI, 2005), essa formação auxilia a atividade de narração ao evitar longos momentos de silêncio, e enriquece os comentários por permitir aos profissionais compartilharem suas atribuições, podendo assim observar e evidenciar situações técnicas distintas.

Um exemplo é a transmissão do canal a cabo SporTV, que conta normalmente com a presença de três comentaristas esportivos. Na cobertura, esses profissionais são divididos em duas categorias: os comentaristas generalistas, responsáveis por analisar o jogo em sua totalidade, e o comentarista de arbitragem, que compõe a chamada “Central de Apito”. Em geral, essa segunda categoria é realizada por um ex-juiz de futebol, que se dedica exclusivamente a explicar e opinar de forma técnica sobre as decisões e lances de falta, além de analisar o desempenho da arbitragem em campo (SANTOS, 2010). Essa distinção, porém, entre os comentaristas gerais e o de arbitragem não é tão recorrente nas transmissões radiofônicas (SANTOS, 2010).

Diante desse contexto, os comentaristas esportivos podem ser compreendidos como elementos fundamentais nas coberturas (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018; MARQUES DE MELO, 2003). Isso se deve ao fato de que o comentário esportivo, para além de ser uma simples apresentação dos lances – responsabilidade intrínseca da narração, “procura revelar o que não se vê, o que é latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções)” dos fatos (CHARAUDEAU, 2006, p. 176), para que o público compreenda por completo o que se passa no jogo. Assim, através da subjetividade do comentarista, há o intuito superior de informar a audiência, o que atrela o comentário mais ao próprio fato do que à opinião do comentarista (SANTOS, 2010).

Embora os comentaristas tenham como função enunciativa “comentar”, eles não utilizam, na maioria das vezes, a 1ª pessoa, por representarem a voz do especialista que possui o conhecimento, e por isso fala de um lugar institucionalizado, em nome de uma coletividade da qual faz parte – ex-jogador, ex-árbitro, jornalista especializado em futebol etc. Por isso, parecem manter um distanciamento em relação ao telespectador, por falarem de um lugar “superior” ao do de um torcedor que gosta de “palpitar” sobre o que assiste (SANTOS, 2010, p. 88)

Portanto, o comentário esportivo tem atrelado à sua função opinativa o papel explicativo, que permite ao público compreender com riqueza de informações os fatos da partida, para assim poder aproveitá-la de forma diferenciada (NETTO, 2013). Devido a essa peculiaridade, tal elemento discursivo não tem um fim em si mesmo, pois consiste em uma versão dos fatos produzida pelo comentarista, que eticamente deve desenvolvê-la a partir da racionalidade e da técnica. Logo, cabe ao ouvinte ou ao telespectador “avaliar, medir, julgar o comentário, para tomar a decisão de aderir ou rejeitar, seguindo a razão” (CHARAUDEAU, 2006, p. 176).

Desse modo, quando opta pelas análises tática e de desempenho, o comentarista esportivo coloca um pé no jornalismo interpretativo e, ao usar as informações para embasar seus posicionamentos a respeito de um jogador, técnico ou mesmo de uma equipe, põe o outro pé no gênero opinativo. (FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018, p. 190)

Além disso, esse “filtro” do comentário por parte da audiência é importante devido às condições de trabalho do comentarista esportivo, que não é totalmente livre para expressar o que deseja. Tal profissional está “submetido a estratégias e a restrições, em parte impostas, muitas vezes, pela instituição da qual é quase um ‘porta-voz’, revelando formações ideológicas, tanto as suas quanto as da emissora em que trabalha” (SANTOS, 2010, p. 37-38). Assim, a opinião tecida pelo comentarista pode conter também restrições e direcionamentos alinhados aos interesses comerciais das empresas de transmissão.

Compreende-se, então, que, mesmo vinculado a uma área de elevado valor mercadológico e repleta de “passionalismo (uso exagerado da emoção, da paixão clubista e do bairrismo) e o achismo (ato de supor algo sem embasamento técnico)” (SCHINNER, 2004, p. 62), os comentaristas esportivos desempenham a atividade fundamental de orientar a audiência. Para isso, esses profissionais fornecem um panorama da partida através do seu olhar técnico e especializado, complementando o trabalho de relato do narrador. Com essas delimitações teóricas e conceituais do comentário e da narração, será realizada a seguir uma análise de duas transmissões televisivas de uma mesma partida de futebol.

## 5. ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES TELEVISIVAS DE FUTEBOL

Para verificar a fronteira entre o comentário e a narração esportiva, foram analisadas duas transmissões televisivas de um mesmo confronto pela 26ª rodada da Série A masculina do Campeonato Brasileiro de 2020. O jogo selecionado para o estudo foi o confronto entre as equipes do São Paulo Futebol Clube e do Clube Atlético Mineiro, realizado na noite do dia 16 de dezembro de 2020, das 21 horas e 30 minutos até aproximadamente as 23 horas e 30 minutos. O duelo ocorreu no Estádio Cícero Pompeu de Toledo – popularmente conhecido como Estádio do Morumbi, localizado na cidade de São Paulo.

Antes da partida, o São Paulo Futebol Clube era o primeiro colocado do Brasileirão, liderando com 50 pontos, e o Clube Atlético Mineiro era o vice-líder da competição, com 46 pontos. Devido às regras do campeonato – em que uma vitória concede três pontos à equipe vencedora e um empate corresponde a um ponto a ambas as equipes, a vitória da equipe paulista elevaria a vantagem em relação ao segundo colocado para sete pontos, enquanto uma derrota diminuiria a diferença para um. Até então, o time do São Paulo Futebol Clube não havia perdido como mandante durante a temporada 2020 – isto é, não havia sido derrotado no Estádio do Morumbi, enquanto a equipe mineira tinha a melhor campanha do segundo turno entre os 20 times da Série A.

Ao total, foram cerca de 95 minutos de jogo, sendo 90 minutos regulamentares e cinco de acréscimos na partida, com um minuto acrescido no primeiro tempo e quatro na segunda etapa. Durante a partida, houve a expulsão de um jogador atleticano aos 29 minutos do segundo tempo, que, em função de uma falta no meio de campo, recebeu seu segundo amarelo e, conseqüentemente, o cartão vermelho. A partida foi finalizada com o placar de três a zero para a equipe do São Paulo Futebol Clube, que alcançou os 53 pontos, permanecendo líder do campeonato. Já o Clube Atlético Mineiro continuou com 46 pontos na vice-liderança.

As duas transmissões televisivas do confronto selecionadas para análise foram a da Rede Globo (canal de sinal aberto) e a do Premiere (canal a cabo por assinatura). As transmissões foram exibidas simultaneamente em tempo real e foram realizadas por narradores, comentaristas e repórteres diferentes. Apesar de terem propriedades distintas, ambos os canais pertencem ao Grupo Globo, o maior conglomerado de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina na atualidade, cuja produção no ano de 2021 nas áreas de jornalismo, esporte e entretenimento atinge 99,6% da população brasileira. Além disso, a programação de canais lineares da empresa alcança mais de cem milhões de brasileiros todos os dias (GÓES, 2021).



Na presente pesquisa, foram analisadas apenas as falas emitidas pelo narrador da transmissão durante os minutos do jogo, isto é, desde o apito inicial da partida realizado pelo árbitro até o momento do fim do primeiro tempo relatado pelo narrador e do apito inicial do segundo tempo até o anúncio de fim da segunda etapa, realizado também pelo narrador. Coincidentemente o tempo de análise de ambas as transmissões coletadas foi o mesmo: 96 minutos e 17 segundos, isto é, uma hora, 36 minutos e 17 segundos.

A escolha do estudo das transmissões da Série A do Brasileirão justifica-se por tal campeonato ser, na atualidade, a principal competição futebolística dos times brasileiros, em especial quando se trata do nível mais alto da competição masculina, que reúne 20 clubes profissionais. No que se refere à seleção dos canais, o Grupo Globo é detentor majoritário dos direitos de transmissão dos jogos do Brasileirão tanto na televisão aberta quanto na a cabo. Assim, para realizar a pesquisa, era necessário que ambos os canais fossem da mesma emissora.

A seleção do jogo se baseou na coleta de uma partida que ocorresse no meio do segundo turno do campeonato, ou seja, entre a 26<sup>a</sup> e a 30<sup>a</sup> rodada, a fim de apresentar regularidade e semelhança do objeto com as demais transmissões do torneio, garantindo que não há nada de especial e único. Apesar da presente pesquisa não almejar ser representativa de todas as transmissões futebolísticas na televisão, tal regularidade teve por objetivo tornar o estudo realista e reproduzível para futuras análises.

Outro fator considerado na seleção foi o calendário da temporada 2020 do Brasileirão, que, devido à pandemia do novo coronavírus (Covid-19) e às medidas de prevenção estabelecidas por estados e municípios brasileiros, foi suspenso e reformulado no primeiro semestre de 2020. Os jogos da Série A do campeonato, que começariam no dia 15 de março de 2020, foram adiados para 9 de agosto do mesmo ano, estendendo-se até 24 de fevereiro de 2021. Assim, a rodada de número 26 foi escolhida para o estudo por apresentar mais similaridade com as demais transmissões do campeonato, uma vez que as rodadas seguintes eram próximas às festas de fim de ano e, por isso, estavam sob um contexto de produção diferenciado.

## **5.1 Método**

O método aplicado para o exame das duas transmissões televisivas foi a Análise de Conteúdo, com os procedimentos e conceitos propostos pelas autoras Laurence Bardin (1977) e Maria Laura Franco (2005). Tal base metodológica demonstrou-se ideal para o estudo por trabalhar diretamente com a análise da fala, isto é, com a prática da língua (BARDIN, 1977), uma vez que o ponto de partida é a mensagem, “seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2005, p. 13).

Além disso, a Análise de Conteúdo é, em essência, uma metodologia “aplicável – em maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte” (BARDIN, 1977, p. 35). Assim, o método é adaptável e flexível, podendo ser modificado de acordo com o tipo de comunicação em análise e de interpretação que se pretende como objetivo (BARDIN, 1977). Portanto, no caso das transmissões televisivas, a versatilidade da Análise de Conteúdo era essencial para que o trabalho fosse direcionado e personalizado, possibilitando análises específicas dos elementos do discurso.

A Análise de Conteúdo organiza-se em três polos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977). A primeira fase consiste em um período de organização e de intuições, cujo objetivo é desenvolver e sistematizar ideias e processos de análise a partir do objeto (BARDIN, 1977; FRANCO, 2005). É nessa etapa em que é selecionado o corpus, são formulados os objetivos de pesquisa, e são elaborados indicadores para fundamentar a interpretação (BARDIN, 1977; FRANCO, 2005).

Nesse primeiro momento, foi realizada a coleta das duas transmissões esportivas do jogo através do gravador digital de áudio e vídeo da operadora de televisão por assinatura NET Claro<sup>13</sup>. Em seguida, o material de cada transmissão foi transcrito e dividido em sequências narrativas de dez minutos, sendo obtidas ao total dez sequências, uma vez que foi analisado não apenas o tempo regulamentar da partida, mas também os acréscimos. Depois, através da leitura do texto, foram detectados padrões de fala e características do conteúdo que serviram para delimitar quais poderiam ser os possíveis índices de análise.

A partir dessas delimitações, foi realizada a referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores. Estabeleceu-se que a unidade de recorte do texto seria a frase, que consiste em um enunciado que possui sentido completo, sendo capaz de transmitir as ideias por si só, podendo ou não conter um verbo. Em função das peculiaridades da narração esportiva – cuja mensagem pode ser apenas o nome de um atleta, a análise considerou tais mensagens como frases, uma vez que apresentam sentido completo.

Determinou-se também que outro recorte a ser feito na análise seria por personagem, isto é, as falas emitidas, além de terem sido separadas em frase, foram identificadas pelo seu emissor. Com isso, o discurso foi dividido de acordo com cada membro da transmissão (narrador, comentarista e repórter), para que então fosse possível observar as emissões do

---

<sup>13</sup> O gravador digital da NET Claro é um serviço opcional para os assinantes da televisão a cabo, que permite gravar até dois programas ao mesmo tempo. Após a gravação, os programas são disponibilizados no menu principal do sistema da operadora para acesso.

narrador. Tal divisão é “indispensável para a contextualização dos dados” (FRANCO, 2005, p. 40), uma vez que, a partir dessa separação das falas, poderá ser evidenciado qual tipo de conteúdo é o mais produzido pelo comunicador e como ele se relaciona com os outros membros.

Ainda na pré-análise, através dos padrões e das características evidenciadas na mensagem, foram desenvolvidas as categorias de análise, que consistem em uma “espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem” (BARDIN, 1977, p. 43). Na presente pesquisa, portanto, as categorias foram criadas *a priori*, isto é, foram pré-determinadas “em função da busca a uma resposta específica do investigador” (FRANCO, 2005, p. 58), que é a de evidenciar as produções de narração, comentário e fronteira.

Dentre os princípios de classificação determinados pela pesquisadora Laurence Bardin (1977), há o da exclusão mútua, que “estipula que cada elemento não pode existir em mais de uma divisão” (BARDIN, 1977, p. 149). Entretanto, algumas frases contêm especificidades e diferentes esferas de ação, como é o caso, por exemplo, da chamada de comentaristas pelo narrador, que além de ser um elemento de apresentação do programa, também pode conter opinião do próprio emissor.

Assim, no presente estudo, foram desenvolvidas dentro das subcategorias novas divisões para que o conteúdo fosse completamente separado, levando-se em consideração a classificação com mais presença na frase. Essa variação na regra de exclusão mútua presente neste trabalho, indica que, em alguns casos, é necessária uma adequação do método de Laurence Bardin (1977), uma vez que, na atualidade, há cada vez mais uma mistura entre diferentes linguagens nas produções.

Desse modo, foram estabelecidas três categorias: “Comentário”, “Narração” e “Fronteira”. A categoria de comentário reuniu todos os elementos do discurso que apresentaram a função de expressar opiniões ou traduzir os acontecimentos do jogo em termos técnicos e táticos para o público (GASTALDO, 2001; FERRARETTO; GUIMARÃES, 2018). Portanto, dentro de tal classificação, estiveram presentes duas subcategorias: Opinião (reuniu todas as frases que possuíam juízo de valor) e Análise Técnica (agrupou frases que continham observações especializadas e aprofundadas do que ocorre em campo).

Já a categoria de narração agregou todos os elementos discursivos que se propuseram a recriar a realidade a partir do relato e da descrição em palavras e expressões (FABRIS, 2018) ou a apresentar o programa, isto é, a cobertura do jogo (HERMANN, 2020). Tal classificação foi dividida em duas subcategorias: Relato (concentrou todas as frases que se propuseram a

narrar os lances e eventos ligados à partida) e Apresentação (reuniu todas as frases relacionadas à condução do programa e da transmissão esportiva).

Por fim, há a categoria de fronteira, que contemplou subcategorias que oscilam entre atividades de narração e comentário, não sendo exclusivas de uma só categoria. Foram subcategorias variáveis: a Emoção (uniu frases afetivas e chamativas), a Explicação (agrupou frases cujo objetivo era permitir ao público melhor compreensão, podendo ter ou não humor), o Humor (reuniu frases que continham ironias e comicidade em geral), a Informação (agregou frases que forneciam notícias, dados ou informações, podendo ser sobre a partida ou alheios a ela) e a Publicidade (agrupou todas as frases que apresentavam anúncios de marcas e produtos).

Tais categorias foram inseridas em um quadro base de análise (Tabela 1), cujo objetivo era identificar a quantidade de itens emitidos a cada sequência de dez minutos pelo narrador da transmissão. Para a verificação numérica, a regra de contagem escolhida foi a medida de frequência simples, em que todos os elementos e categorias possuem a mesma importância e peso (BARDIN, 1977). Assim, cada frase foi contabilizada como um item e, ao final da análise da sequência, foram somados todos os elementos para verificar qual classificação foi a mais produzida, conforme demonstra o quadro abaixo.

Tabela 1 – Quadro base para análise individual por sequência narrativa

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>		<b>Frases emitidas pelo narrador</b>	<b>Total de itens</b>
<b>Comentário</b>	Opinião			
	Análise Técnica			
<b>Fronteira</b>	Emoção			
	Explicação	Sem humor		
		Com humor		
	Humor			
	Informação	Interna		
		Externa		
Publicidade				
<b>Narração</b>	Relato			
	Apresentação	Com opinião		
		Com humor		
		Sem opinião		

Fonte: Elaboração própria

Portanto, uma vez que a partida em análise teve 96 minutos e 17 segundos de duração, o narrador de cada transmissão obteve dez quadros individuais, referindo-se às nove sequências de dez minutos e à uma de cinco minutos. Após a análise individual, os números foram consolidados em um só quadro de análise do membro da transmissão (Tabela 2), reunindo todas as produções realizadas durante o jogo. Nessa etapa, as sequências narrativas foram agrupadas de duas em duas com o objetivo de tornar a análise mais dinâmica e contextualizada, uma vez que a união permitiu uma observação mais ampla dos padrões da fala.

Tabela 2 – Quadro base para análise individual das dez sequências em conjuntos duplos

Categorias	Subcategorias		Sequências					Total
			1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	
<b>Comentário</b>	Opinião							
	Análise Técnica							
<b>Fronteira</b>	Emoção							
	Explicação	Sem humor						
		Com humor						
	Humor							
	Informação	Interna						
		Externa						
Publicidade								
<b>Narração</b>	Relato							
	Apresentação	Com opinião						
		Com humor						
		Sem opinião						
<b>Total</b>								

Fonte: Elaboração própria

Apesar do presente estudo ter como objeto central o discurso do narrador, a análise em categorias e subcategorias também foi realizada nas falas dos outros membros da transmissão, a fim de possibilitar maior contextualização dos dados. Assim, os resultados obtidos nas outras análises não foram discutidos em sua individualidade, mas foram aplicados em um quadro junto aos números do narrador para permitir uma análise comparativa da produção. Por isso, todos

os números foram consolidados no quadro abaixo em que a letra “N” se refere ao narrador da transmissão, “C1” ao primeiro comentarista generalista que participou da cobertura, “C2” ao segundo comentarista generalista que se manifestou, “CA” ao comentarista de arbitragem – isto é, à Central do Apito – e “R” ao repórter de campo.

Tabela 3 – Quadro base para análise geral da transmissão

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>N</b>	<b>C1</b>	<b>C2</b>	<b>CA</b>	<b>R</b>	<b>Total</b>	
<b>Comentário</b>	Opinião							
	Análise Técnica							
<b>Fronteira</b>	Emoção							
	Explicação							
	Humor							
	Informação							
	Publicidade							
<b>Narração</b>	Relato							
	Apresentação							

*Fonte: Elaboração própria*

A partir desse processo, foi possível produzir um panorama comunicacional da transmissão, verificando quais categorias e subcategorias foram priorizadas no discurso de cada um dos narradores das transmissões em estudo, isto é, examinando se foram aplicados mais elementos característicos da narração, do comentário ou das subcategorias intermediárias, constituintes da fronteira. Além disso, foi possível estabelecer uma comparação entre ambas as transmissões em estudo, analisando quais as diferenças e semelhanças entre as narrações.

Após o desenvolvimento da etapa inicial, iniciou-se a segunda fase da análise: a exploração do material. Tal processo consiste no período de codificação, decomposição ou enumeração do material, isto é, nessa fase, a mensagem é transformada, de acordo com regras precisas, em dados brutos do texto (BARDIN, 1977). A etapa consistiu, então, no período de aplicação da metodologia, em que o texto foi recortado e distribuído nas categorias pré-determinadas, proporcionando números e dados.

Por fim, a última etapa proposta por Bardin (1977), que foi realizada na pesquisa, é a de tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados, cujo objetivo é tornar os resultados brutos da etapa anterior em elementos “significativos (‘falantes’) e válidos” (BARDIN, 1977, p. 131). É nesse período em que os trabalhos de categorização e de codificação são interpretados e trabalhados para que forneçam informações sobre o objeto. O

processo de inferência, isto é, de indução a partir de fatos (BARDIN, 1977), é realizado nessa etapa para estabelecer conexões e ligações entre os dados obtidos.

A presente pesquisa trata-se, portanto, de uma análise qualitativa através de dados quantitativos. Isso porque, em um primeiro momento, os resultados do trabalho foram numéricos, uma vez que foi analisada a frequência simples dos itens (frases) do discurso e, posteriormente, tais quantidades foram interpretadas e traduzidas através de conexões e inferências com o objetivo de se tornarem representativos e significativos.

## 5.2 Transmissão da Rede Globo

Fundada no ano de 1965, a Rede Globo é um canal de televisão com sinal aberto e gratuito. A empresa faz parte do Grupo Globo, a maior empresa de comunicação da América Latina, e está presente em todo o território brasileiro através de 120 emissoras, com cobertura geográfica de 98,38% do território brasileiro<sup>14</sup>, que forma uma ampla rede de sedes e de afiliadas parceiras (de propriedade de empresas de terceiros). Assim, a Rede Globo realiza cobertura e produção de conteúdo em nível local, regional e nacional ao mesmo tempo (GLOBO, 2021).

Segundo o levantamento da empresa de estatística Kantar Ibope Media, cujos dados foram consolidados pelo jornalista Ricardo Feltrin em sua coluna no Portal Uol<sup>15</sup>, quase 35% das televisões ligadas do país sintonizam a Rede Globo 24 horas por dia. Entre as produções disponibilizadas pela empresa em sua programação, está presente o futebol, que é assunto de diversos programas esportivos, que cobrem por vezes jogos ao vivo. Em geral, as partidas de Campeonato Brasileiro de Futebol são transmitidas tradicionalmente pela Rede Globo nas noites de quarta-feira e nas tardes de domingo.

No presente estudo, a transmissão realizada pela emissora foi comandada pelo narrador Cléber Tadeu Machado, com a presença dos comentaristas Ana Thaís Matos<sup>16</sup>, Walter

---

<sup>14</sup> Os dados, atualizados em 05 de março de 2021, estão disponíveis para consulta no site do Negócios Globo em: <<https://negocios8.redeglobo.com.br/paginas/brasil.aspx>>. Acesso em: 02 mai. de 2021.

<sup>15</sup> O estudo está disponível na matéria intitulada “Ibope: Uma em cada 3 TVs ligadas no Brasil fica na Globo 24h por dia”. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2021/03/12/ibope-uma-em-cada-3-tvs-ligadas-no-brasil-fica-na-globo-24h-por-dia.htm#:~:text=reconhecidas%20e%20confi%C3%A1veis,-Ibope%3A%20Uma%20em%20cada%203%20TVs%20ligadas%20no%20Brasil,na%20Globo%2024h%20por%20dia>>. Acesso em: 02 mai. de 2021.

<sup>16</sup> Ana Thaís Matos é jornalista, comentarista esportiva e apresentadora de televisão em canais do Grupo Globo.

Casagrande<sup>17</sup> e Paulo Cesar de Oliveira<sup>18</sup>, e do repórter de campo e jornalista Felipe Brisolla. A seguir, será realizada uma breve apresentação do perfil do narrador e serão analisadas as falas emitidas pelo comunicador ao longo da transmissão por meio das sequências de dez minutos previamente trabalhadas e do levantamento de dados sobre suas respectivas atividades na cobertura.

O narrador da partida, Cléber Machado, é jornalista e locutor esportivo nas empresas do Grupo Globo desde 1980. Segundo o perfil do comunicador no Memória Globo<sup>19</sup>, o profissional iniciou seu trabalho na área do jornalismo em 1979, como estagiário da Rádio Tupi, e, dois meses depois, foi contratado pela empresa para atuar no departamento de publicidade. Em 1980, foi para a Rádio Globo e durante muitos anos integrou a equipe do renomado locutor esportivo Osmar Santos, na atividade de repórter de campo e também de locutor.

Em 1985, o jornalista passou a integrar a equipe da TV Gazeta, e em 1988, começou seu trabalho na Rede Globo. A primeira narração televisiva de Cléber Machado foi uma partida pela Copa do Brasil de 1989. Desde então, o comunicador já apresentou e participou de diversos programas da empresa, como coberturas dos Jogos Olímpicos e de outras modalidades esportivas.

Na transmissão em estudo, referente ao confronto entre as equipes do São Paulo Futebol Clube e Clube Atlético Mineiro, foram observadas as ações e falas promovidas pelo narrador Cléber Machado durante o momento do jogo – isto é, ao longo do tempo regulamentar da partida mais acréscimos. A partir da análise, foram obtidos os seguintes dados quantitativos destrinchados no quadro abaixo.

---

<sup>17</sup> Walter Casagrande Júnior, conhecido popularmente como Casagrande, é um ex-jogador brasileiro que atualmente trabalha em programas esportivos do Grupo Globo como comentarista esportivo.

<sup>18</sup> Paulo Cesar de Oliveira é um ex-árbitro brasileiro de futebol, que, desde sua aposentadoria em 2014, tem atuado como comentarista de arbitragem nas transmissões esportivas do Grupo Globo.

<sup>19</sup> O perfil do comunicador está disponível para consulta em: <<https://memoriaglobo.globo.com/perfil/cleber-machado/perfil-completo/>>. Acesso em: 02 mai. de 2021.



Tabela 4 – Quadro de análise das ações narrativas de Cléber Machado

<b>Narrador – Cléber Machado</b>				
	Tempo de fala	Quantidade de publicidade	Quantidade de vezes que disse “Futebol na Globo aqui é emoção!”	Quantidade de interrupções nas falas dos comentaristas ou do repórter
<b>1º Tempo</b>	39’08’’	9	6	12
<b>2º Tempo</b>	39’54’’	8	6	21
<b>Total</b>	79’02’’ (82,08%)	17	12	33

Fonte: Elaboração própria

Compreende-se que, durante a transmissão da Rede Globo, o turno de fala do narrador foi de 79 minutos e dois segundos, totalizando 82,08% do tempo da cobertura televisiva. Durante esse momento, o comunicador emitiu por 12 vezes o *slogan* esportivo da emissora “Futebol na Globo, aqui é emoção!”. Tal recurso, em geral, antecipou os momentos de publicidade<sup>20</sup> de marcas e anúncios de empresas, que foram realizados por um outro locutor e com recursos visuais em parte da tela por cerca de três a cinco segundos.

No total, durante a transmissão esportiva, foram contabilizados 17 momentos de publicidade. Foram seis anunciantes – as marcas Casas Bahia, Itaú, Chevrolet, Engov, Vivo e Skol – que apareceram uma vez em cada tempo da partida. As outras cinco publicidades foram de produtos da própria Rede Globo – como o pacote de jogos do Premiere, divulgação dos programas *The Voice Brasil*, *Que história é essa*, *Porchat?*, *Globo Repórter* e *Segue o Jogo*, programa seguinte à transmissão que analisa a partida e traz informações e atualizações sobre o mundo do esporte. Essas publicidades da emissora foram as únicas realizadas pelo próprio narrador, que não utilizou nenhum recurso visual.

Ao longo da transmissão, foi verificado que o comunicador Cléber Machado interrompeu por 33 vezes os momentos de fala dos comentaristas e do repórter, sendo que isso ocorreu 12 vezes no primeiro tempo de jogo e 21 no segundo tempo. Foram contabilizadas como interrupções todos os momentos em que o narrador expressiu concordância, dúvidas, opiniões ou qualquer expressão sonora enquanto o turno de fala era de outro membro da transmissão.

<sup>20</sup> O termo publicidade foi escolhido para o trabalho no sentido de divulgar ideias e produtos, “já com objetivos comerciais, uma vez que pode despertar o desejo de compra, levando-o à ação” (GONÇALEZ, 2009, p. 7), diferenciando-se da propaganda por não ser focada em transmitir valores ideológicos.

O estudo também constatou que, ao longo da transmissão, o narrador requisitou por 26 vezes a participação de outros membros da transmissão, sendo 11 chamadas realizadas no primeiro tempo do jogo e 15 vezes no segundo período. A figura mais requisitada na cobertura foi a comentarista Ana Thaís Matos, com nove chamadas de Cléber Machado, seguida pelo comentarista Walter Casagrande, com seis chamadas, e pelo comentarista de arbitragem Paulo Cesar de Oliveira, da Central do Apito, com seis chamadas também. Já o repórter Felipe Brisolla foi convocado cinco vezes, conforme demonstra a tabela abaixo.

Tabela 5 – Quadro de análise da equipe de transmissão da Rede Globo

<b>Equipe de transmissão da Rede Globo</b>					
Nome	Tempo do jogo	Quantidade de vezes chamado	Quantidade de vezes que solicitou ou inseriu fala	Tempo de fala durante o jogo	
Ana Thaís Matos	1º	4	1	1'30''	3'35''
	2º	5	1	2'05''	
Walter Casagrande	1º	3	18	4'26''	8'01''
	2º	3	14	3'35''	
Paulo Cesar de Oliveira (Central do Apito)	1º	2	0	38''	2'36''
	2º	4	3	1'58''	
Felipe Brisolla (Repórter de campo)	1º	2	3	46''	3'03''
	2º	3	9	2'17''	
<b>Total</b>		26	49		17''15''

*Fonte: Elaboração própria*

Além disso, houve 49 solicitações de falas pelos membros da transmissão que foram aceitas pelo narrador. Ao longo do jogo, quem mais fez pedidos ou inseriu falas foi o comentarista Walter Casagrande, em 32 momentos, seguido pelo repórter de campo, Felipe Brisolla, em 12. Já o comentarista de arbitragem Paulo Cesar de Oliveira fez três solicitações e a comentarista Ana Thaís Matos fez duas. Assim, do total de participações, apenas 34,66% foram requisitadas por Cléber Machado e 44% tiveram interrupções do narrador.

Ao aplicar a metodologia de Análise de Conteúdo previamente explicada – que consiste na separação das unidades de registro (as frases) por meio do quadro de análise individual por sequências (Tabela 1) e posteriormente na consolidação dos dados obtidos no quadro individual de dez sequências em conjuntos duplos (Tabela 2), foram obtidos os resultados presentes na tabela a seguir.

Tabela 6 – Resultado individual da análise das falas do narrador Cléber Machado

Categorias	Subcategorias		Sequências					Total
			1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10	
<b>Comentário</b>	Opinião		35	37	39	33	35	179
	Análise Técnica		17	17	17	31	17	99
<b>Fronteira</b>	Emoção		9	1	8	6	3	27
	Explicação	Sem humor	18	14	14	17	12	75
		Com humor	3	2	1	4	0	9
	Humor		12	10	22	15	3	63
	Informação	Interna	31	36	23	50	56	196
		Externa	8	30	11	4	11	64
Publicidade		5	7	5	2	8	27	
<b>Narração</b>	Relato		229	197	207	152	100	885
	Apresentação	Com opinião	5	3	5	6	8	27
		Com humor	1	1	5	9	2	18
		Sem opinião	13	10	15	18	20	76
<b>Total</b>		386	365	372	347	275	1.745	

Fonte: Elaboração própria

A primeira e a segunda sequência narrativa – que se referem aos primeiros 20 minutos do jogo – apresentaram 52 itens na categoria “Comentário”, 86 em “Fronteira” e 248 em “Narração”. Nesse primeiro momento, as falas do narrador objetivavam contextualizar o jogo e apresentar a equipe de transmissão, suas respectivas ideias sobre o confronto e a estrutura do programa.

Outro foco foi atrair e inserir o público na partida exaltando a importância do jogo, que foi caracterizado como uma decisão antecipada do campeonato por ser um duelo direto entre o até então líder e vice-líder do Brasileirão. O período foi o que mais apresentou elementos nas subcategorias “Emoção”, que obteve nove itens, e “Relato”, que agregou 229 frases.

No conjunto da terceira e quarta sequência – que corresponde à metade do primeiro tempo, foram identificadas 54 frases como “Comentários”, cem como “Fronteira” e 211 como “Narração”. A terceira sequência contemplou o primeiro gol da partida, que foi realizado aos 25 minutos pelo time do São Paulo Futebol Clube. Na ocasião, o turno de fala era de um dos

comentaristas e, por isso, apenas o chute ao gol foi narrado. Por isso, após o anúncio do gol, o narrador aproveitou o replay para narrar toda a jogada que possibilitou a abertura do placar.

O período se destacou por ter atribuído o maior número de itens verificados na subcategoria “Informação Externa” ao longo da transmissão. Nas sequências, foram apresentados desde números, dados e notícias sobre o Brasileirão até informações sobre outros times que disputam o campeonato.

Outra característica relevante foi o elevado número de publicidades realizadas pelo comunicador no período. Na terceira sequência, o jornalista Cléber Machado fez uma dupla divulgação dos programas da Rede Globo do dia seguinte, e na quarta sequência, emitiu por três vezes o *slogan* da emissora, o que equivale à metade do número de divulgações realizadas apenas no primeiro tempo. Além disso, no mesmo intervalo de tempo, foram exibidas três publicidades de marcas e anúncios logo após o uso do *slogan*.

Já a quinta e a sexta sequência – que representam o fim do primeiro tempo, com os acréscimos, e o início da segunda etapa – apontaram 56 itens em “Comentário”, 84 em “Fronteira” e 232 em “Narração”. A quinta sequência foi caracterizada por momentos de descontração e de análises sobre o primeiro tempo, bem como sobre possíveis mudanças a serem feitas pelos técnicos dos times após o intervalo. Já a sexta sequência narrativa contextualizou as composições dos times no segundo tempo, que sofreram alterações táticas.

Foi nesse conjunto de sequências narrativas em que o narrador apresentou mais frases que se encaixavam nas subcategorias “Opinião” e “Humor”. As frases opinativas foram emitidas em especial nos minutos finais da primeira etapa e no início do segundo tempo. Já as que continham comicidade ou ironias foram recorrentes também no final do primeiro tempo, em momentos em que a bola estava parada, ou seja, quando havia, por exemplo, cobranças de falta ou escanteios.

A sétima e a oitava sequência – que tratam da metade do segundo tempo – apresentaram 64 frases em “Comentário”, 98 em “Fronteira” e 185 em “Narração”. Apenas na sétima sequência narrativa, o árbitro atribuiu quatro cartões amarelos a jogadores diferentes, o que foi foco do discurso do comunicador Cléber Machado. Nesse período, a narração também teve por objetivo contextualizar a audiência em relação às substituições de jogadores de ambas as equipes e a respeito da expulsão de um jogador do Clube Atlético Mineiro aos 75 minutos. Com isso, o conjunto das duas sequências foi o que apresentou a maior quantidade de frases na subcategoria “Análise Técnica” e “Apresentação com Humor”, além do segundo maior montante de frases na subcategoria de “Informação Interna”, que trata de dados e notícias sobre a partida.

Por fim, a nona e a décima sequência – que consistem nos últimos quinze minutos do jogo, mesmo com defasagem de cinco minutos em relação aos outros conjuntos de sequências, apresentou 52 frases em “Comentário”, 93 em “Fronteira” e 130 em “Narração”. Durante o período, foram realizados o segundo e o terceiro gol da equipe do São Paulo Futebol Clube. As falas do narrador, então, contextualizaram a audiência acerca das substituições – que foram numerosas nos instantes finais da partida – e objetivaram apresentar o resultado da partida e a análise completa do jogo.

Nas últimas duas sequências, foram verificadas a maior quantidade de frases na subcategoria “Informação”, em especial na classificação que se refere a dados e notícias internas da partida, e na subcategoria “Apresentação sem opinião”. Entretanto, o conjunto foi o único que apresentou a ausência de frases em um dos componentes de análise, no caso, na subcategoria “Explicação com humor”.

Portanto, os resultados quantitativos da análise demonstram que o discurso emitido pelo narrador Cléber Machado na transmissão é composto 15,93% (278 itens) por frases pertencentes à categoria “Comentário”, 26,41% à “Fronteira” (461 itens) e 57,65% à “Narração” (1.006 itens). Os cinco conteúdos mais produzidos pelo comunicador foram, em ordem decrescente de presença, relato, informação, opinião, apresentação e análise técnica, conforme expressa o quadro a seguir.

Tabela 7 – Conteúdos mais produzidos no discurso de Cléber Machado

<b>Ranking</b>	<b>Conteúdo produzido</b>	<b>Quantidade de frases</b>	<b>Percentual em relação ao discurso analisado</b>
1°	Relato	885	50,71%
2°	Informação	260	14,89%
3°	Opinião	179	10,25%
4°	Apresentação	121	6,93%
5°	Análise Técnica	99	5,67%

*Fonte: Elaboração própria*

Para fins de contextualização das falas do narrador ao longo da transmissão, foi realizada também, em paralelo, a análise em categorias e subcategorias do discurso dos outros membros da transmissão. A seguir será apresentado o quadro comparativo com o resultado geral da análise da transmissão, em que “N” representa o narrador Cléber Machado, “C1” a comentarista Ana Thaís Matos, “C2” o comentarista Walter Casagrande, “CA” o comentarista de arbitragem Paulo Cesar de Oliveira e “R” o repórter de campo Felipe Brisolla.

Tabela 8 – Resultado geral da transmissão da Rede Globo

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>N</b>	<b>C1</b>	<b>C2</b>	<b>CA</b>	<b>R</b>	<b>Total</b>	
<b>Comentário</b>	Opinião	179	35	58	22	3	297	512
	Análise Técnica	99	38	56	21	1	215	
<b>Fronteira</b>	Emoção	27	0	0	0	0	27	601
	Explicação	85	4	28	9	5	131	
	Humor	62	1	9	3	7	82	
	Informação	260	0	15	4	55	334	
	Publicidade	27	0	0	0	0	27	
<b>Narração</b>	Relato	885	0	6	3	6	900	1.037
	Apresentação	121	0	9	1	6	137	
<b>Total</b>		1.745	78	181	63	83	2.150	

Fonte: Elaboração própria

O quadro evidencia que o narrador foi responsável por 278 dos 512 itens atribuídos à categoria “Comentário” da transmissão, o que corresponde a 54,29% do universo. Em relação à categoria “Fronteira”, o jornalista Cléber Machado produziu 461 frases das 601 emitidas por todos os membros da transmissão juntos, o que representa 76,70% do conjunto. Já na categoria “Narração”, dos 1.037 itens verificados durante toda a cobertura, 1.006 foram emitidos pelo narrador, o que consiste em 97,01% do total.

### 5.3 Transmissão do Premiere

O Premiere Futebol Clube, conhecido popularmente apenas por Premiere, é um conjunto de oito canais a cabo por assinatura (*pay-per-view*) dedicados à transmissão de partidas de futebol. Atualmente, os canais oferecem uma vasta cobertura do futebol nacional, com exibição de jogos ao vivo e exclusivos na televisão a cabo de Campeonatos Estaduais (Gaúcho, Paulista, Mineiro e Pernambucano), Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro Séries A e B dos clubes que cederam direitos à Globo.

O Premiere, que pertence ao Grupo Globo, permite ao assinante assistir aos jogos ao vivo em alta resolução, quando e onde quiser, pelo computador, tablet ou celular sem custo adicional. Além disso, um dos oito canais é o Premiere Clube que, além de transmitir partidas ao vivo, também exibe ao longo do dia reprises dos jogos – por vezes na íntegra ou em versão reduzida com os principais momentos do confronto, proporcionando uma experiência de 24 horas de cobertura esportiva.

No presente estudo, a transmissão realizada pela emissora foi comandada pelo narrador Everaldo Marques, com a presença dos comentaristas Bob Faria<sup>21</sup>, Caio Ribeiro<sup>22</sup> e Sálvio Spínola Fagundes Filho<sup>23</sup>, e da repórter de campo e jornalista Gabriela Ribeiro. A seguir, assim como ocorreu na análise da primeira transmissão, será realizada uma breve apresentação do perfil do narrador e serão observadas as falas emitidas no discurso de comunicador ao longo da cobertura por meio das sequências de dez minutos previamente trabalhadas e do levantamento de dados sobre suas respectivas atividades ao longo da transmissão.

O narrador da partida, Everaldo Marques, é um jornalista brasileiro que iniciou sua carreira em 1996, na Rádio Jovem Pan AM. Na época, o comunicador foi produtor, apresentador e repórter de programas da emissora, cobrindo também a Fórmula-1 durante três temporadas. Anos depois, o profissional iniciou seus trabalhos na televisão e, em 2005, começou a narrar jogos de futebol na TV Cultura.

Ainda em 2005, o narrador iniciou seu trabalho como membro de transmissão do canal a cabo da ESPN Brasil, empresa pela qual atuou por 15 anos. Durante o período, o jornalista cobriu diversas modalidades esportivas, desde beisebol e basquete, até futebol, sendo conhecido popularmente por narrar esportes americanos. Em 2020, Everaldo Marques foi contratado pelo Grupo Globo, em que atua como narrador em especial nas transmissões do SporTV e do Premiere.

Na transmissão em estudo, em que o corpus de análise são as falas emitidas pelo narrador durante a transmissão do jogo – isto é, durante o tempo regulamentar do confronto mais acréscimos, as falas e ações de Everaldo Marques foram examinadas de forma quantitativa e destrinchadas no quadro de análise abaixo.

---

<sup>21</sup> Robert Faria, mais conhecido como Bob Faria, é formado em jornalismo e atualmente trabalha no Grupo Globo na função de comentarista esportivo.

<sup>22</sup> Caio Ribeiro Decoussau, conhecido popularmente como Caio Ribeiro, é ex-jogador de futebol que, dois anos após sua aposentadoria na função em 2005, iniciou o trabalho de comentarista esportivo no Grupo Globo.

<sup>23</sup> Sálvio Spínola Fagundes Filho é ex-árbitro de futebol brasileiro que, desde sua aposentadoria na profissão em 2011, iniciou o trabalho de comentarista de arbitragem em transmissões televisivas.

Tabela 9 – Quadro de análise das ações narrativas de Everaldo Marques

<b>Narrador – Everaldo Marques</b>				
	Tempo de fala	Quantidade de propagandas	Quantidade de vezes que disse “Com o Premiere, sempre dá jogo!”	Quantidade de interrupções nas falas dos comentaristas ou do repórter
1º Tempo	34’11’’	5	4	3
2º Tempo	36’54’’	5	4	6
<b>Total</b>	71’05’’ (73,82%)	10	8	9

Fonte: Elaboração própria

Durante a transmissão do Premiere, o turno de fala do narrador foi de 71 minutos e cinco segundos, o que representa 73,82% do tempo total da cobertura televisiva do jogo. Durante o período, o jornalista emitiu por oito vezes o *slogan* esportivo da emissora, sendo metade deles expressados no primeiro tempo e a outra metade no segundo tempo. Em geral, essas frases foram proferidas antes das publicidades de anunciantes, assim como ocorreu na transmissão da Rede Globo. Tais anúncios eram realizados com duração de três a cinco segundos em geral, com recursos visuais que ocupavam parte da tela com locução pré-gravada de outro comunicador que não o narrador da partida.

Foram contabilizados durante a transmissão o total de dez momentos de publicidade. Desses, foram verificados quatro anunciantes – as marcas Vivo, Sport Betting, Bradesco e Jeep – que apareceram uma vez em cada tempo do jogo. As outras duas publicidades eram de produtos do Grupo Globo: o pacote do Premiere e o do SporTV. Tais divulgações só ocorreram uma vez cada, sendo que a do Premiere foi realizada na primeira etapa do jogo e a do SporTV no segundo tempo. Nesses momentos, a publicidade dos combos de serviço foi realizada pelo próprio narrador Everaldo Marques e sem a presença de recursos visuais, diferente do que ocorreu no anúncio das marcas.

Durante a cobertura, verificou-se que o comunicador interrompeu por nove vezes os turnos de fala dos outros membros da transmissão, das quais três vezes foram no primeiro tempo e seis no segundo. Na ocasião, assim como ocorreu na análise da transmissão da Rede Globo, considerou-se como interrupção desde frases curtas do narrador durante a fala dos comentaristas até conversas longas. Assim, foram contabilizadas todas as manifestações, independentemente de terem sido com o objetivo de concordância, de solucionar dúvidas ou de expressar opiniões.

O estudo também constatou que, ao longo da transmissão, o narrador requisitou por 60 vezes a participação de outros membros da transmissão, sendo 28 chamadas no primeiro tempo



do jogo e 32 vezes no segundo tempo. O profissional mais requisitado foi o comentarista Caio Ribeiro, que teve 24 chamadas de Everaldo Marques, seguido pelo comentarista Bob Faria, com 17 chamadas. Já o comentarista de arbitragem Sálvio Spínola Fagundes Filho foi convocado 12 vezes e a repórter de campo Gabriela Ribeiro, sete vezes, conforme demonstra a tabela abaixo.

Tabela 10 – Quadro de análise da equipe de transmissão do Premiere

<b>Equipe de transmissão do Premiere</b>					
Nome	Tempo do jogo	Quantidade de vezes chamado	Quantidade de vezes que solicitou ou inseriu fala	Tempo de fala durante o jogo	
Bob Faria	1º	9	3	4'24''	7'51''
	2º	8	2	3'27''	
Caio Ribeiro	1º	11	5	5'18''	10'50''
	2º	13	4	5'32''	
Sálvio Spínola Fagundes Filho (Central do Apito)	1º	4	0	1'28''	3'58''
	2º	8	3	2'30''	
Gabriela Ribeiro (Repórter de campo)	1º	4	3	1'12''	2'33''
	2º	3	4	1'21''	
<b>Total</b>		60	24		25'12''

*Fonte: Elaboração própria*

Além disso, houve 24 solicitações de falas pelos membros da transmissão que foram aceitas pelo narrador. Ao longo do jogo, quem mais fez pedidos ou inseriu falas foi o comentarista Caio Ribeiro, em nove momentos, seguido pela repórter de campo Gabriela Ribeiro, em sete. Já o comentarista Bob Faria fez cinco aparições e o comentarista de arbitragem Sálvio Spínola Fagundes Filho realizou três solicitações. Assim, do total de participações, 71,42% foram requisitadas por Everaldo Marques e 10,71% tiveram interrupções do narrador.

Ao aplicar a metodologia de Análise de Conteúdo previamente explicada – que consiste na separação das unidades de registro (as frases) por meio do quadro de análise individual por sequências (Tabela 1) e, posteriormente, na consolidação dos dados obtido no quadro individual de dez sequências em conjuntos duplos (Tabela 2), foram obtidos os resultados presentes na tabela a seguir.

Tabela 11 – Resultado individual da análise das falas do narrador Everaldo Marques

Categorias	Subcategorias		Sequências					Total	
			1 e 2	3 e 4	5 e 6	7 e 8	9 e 10		
<b>Comentário</b>	Opinião		25	19	19	30	15	108	
	Análise Técnica		10	11	10	14	9	54	
<b>Fronteira</b>	Emoção		4	4	1	4	18	31	
	Explicação	Sem humor	6	4	5	9	3	27	
		Com humor	1	1	0	1	1	4	
	Humor		12	5	16	8	9	50	
	Informação	Interna		60	66	51	44	36	257
		Externa		3	6	28	12	12	61
Publicidade			5	1	1	3	1	11	
<b>Narração</b>	Relato		219	232	222	203	134	1.010	
	Apresentação	Com opinião	4	4	3	7	2	20	
		Com humor	3	0	1	3	5	12	
		Sem opinião	17	19	19	22	29	106	
<b>Total</b>			369	372	376	360	274	1.751	

Fonte: Elaboração própria

Na transmissão, o conjunto da primeira e da segunda sequência narrativa de dez minutos – que consiste nos primeiros 20 minutos do jogo – apresentaram, no que se refere às categorias, 35 frases em “Comentário”, 91 em “Fronteira” e 243 em “Narração”. As falas emitidas pelo narrador no início da cobertura evidenciaram o objetivo de contextualizar a partida, informando sobre a posição das equipes na tabela de classificação do Brasileirão, bem como informando sobre o histórico e dados dos clubes durante a competição. Além disso, o discurso do narrador visou demonstrar a importância da partida e motivar a audiência a continuar acompanhando a transmissão.

Entre os destaques desse período do confronto está a subcategoria “Publicidade”, que apresentou a maior quantidade de itens se comparada aos outros conjuntos de análise. Foram cinco frases com intuito publicitário, o que representa 45,45% de todos os itens atribuídos a essa classificação durante a transmissão. A subcategoria “Informação Interna” apresentou a segunda maior quantidade de itens entre os conjuntos sequenciais da cobertura, com 60 frases, que representa 23,34% do universo de elementos alocados nessa divisão.

Já o segundo conjunto que contempla as sequências narrativas de número três e quatro – representativas do período intermediário do primeiro tempo do jogo – obtiveram 30 itens em “Comentário”, 87 em “Fronteira” e 255 em “Narração”. Durante o período, o trabalho do jornalista Everaldo Marques teve como foco o primeiro gol da partida, realizado aos 29 minutos pelo time do São Paulo Futebol Clube. Os principais dados obtidos nesse intervalo de tempo foram os maiores números da partida nas subcategorias “Relato”, que contabilizou 232 itens, e “Informação Interna”, que teve 66 frases. No conjunto, a subcategoria “Apresentação com humor” não obteve nenhum item.

No conjunto da quinta e sexta sequência – que consiste no final do primeiro tempo e no início da segunda etapa, foram identificados 29 elementos em “Comentário”, 102 em “Fronteira” e 245 em “Narração”. O comunicador Everaldo Marques, durante essas sequências narrativas, teve por função conduzir o fim e o início dos períodos, garantir a permanência da audiência para o segundo tempo e apresentar as mudanças realizadas pelos times durante o intervalo da partida, seja substituições ou alterações táticas.

O presente conjunto evidenciou uma subcategoria sem nenhum item, que foi a “Explicação com humor”. Em contrapartida, houve destaque para a subcategoria “Informação Externa”, que apresentou 28 frases, mais que o dobro da quantidade apresentada em qualquer outro conjunto. Na ocasião, foram transmitidas informações sobre antigos confrontos entre as equipes, o jogo simultâneo da rodada e os demais confrontos do Brasileirão e de outros campeonatos nacionais.

A sétima e a oitava sequência narrativa – que correspondem à metade do segundo tempo do jogo – proporcionaram 44 itens em “Comentário”, 81 em “Fronteira” e 235 em “Narração”. Nesse momento da partida, o narrador teve de abordar os quatro cartões amarelos apresentados pelo árbitro em menos de dez minutos e a expulsão do jogador do Clube Atlético Mineiro aos 75 minutos do jogo. Foram destaques do conjunto os números elevados de elementos nas subcategorias pertencentes a “Comentário” – em que “Opinião” obteve 30 itens e “Análise Técnica” apresentou 14 frases – e nas subcategorias “Explicação sem humor”, que evidenciou nove elementos, e na de “Apresentação com opinião”, que exibiu sete itens.

Por fim, o último conjunto da transmissão que agrupa a nona e a décima sequência narrativa, agrupou 24 frases em “Comentário”, 80 em “Fronteira” e 170 em “Narração”. Apesar de ser um conjunto com cinco minutos a menos que os outros – por contemplar os últimos onze minutos regulamentares mais os quatro minutos de acréscimos, foi o momento da partida que apresentou dois gols do time São Paulo Futebol Clube. O período foi caracterizado pelo maior número de frases na subcategoria de “Emoção”, que teve 18 itens (58,06% dos atribuídos a essa

classificação), “Apresentação com humor”, que exibiu cinco elementos, e “Apresentação sem opinião”, que conteve 29 frases.

Portanto, os resultados quantitativos da análise demonstram que o discurso emitido pelo narrador Everaldo Marques na transmissão é composto 9,25% (162 itens) por frases pertencentes à categoria “Comentário”, 25,18% à “Fronteira” (441 itens) e 65,56% à “Narração” (1.148 itens). Os cinco conteúdos mais produzidos pelo comunicador foram, em ordem decrescente de presença, relato, informação, apresentação, opinião e análise técnica, conforme expressa o quadro a seguir.

Tabela 12 – Conteúdos mais produzidos no discurso de Everaldo Marques

<b>Ranking</b>	<b>Conteúdo produzido</b>	<b>Quantidade de frases</b>	<b>Percentual em relação ao discurso analisado</b>
1°	Relato	1.010	57,68%
2°	Informação	318	18,16%
3°	Apresentação	138	7,88%
4°	Opinião	108	6,16%
5°	Análise Técnica	54	3,08%

*Fonte: Elaboração própria*

Para fins de contextualização das falas do narrador ao longo da transmissão, foi realizada também, em paralelo, a análise em categorias e subcategorias do discurso dos outros membros da transmissão. A seguir será apresentado o quadro comparativo com o resultado geral da análise da transmissão, em que “N” representa o narrador Everaldo Marques, “C1” o comentarista Bob Faria, “C2” o comentarista Caio Ribeiro, “CA” o comentarista de arbitragem Sálvio Spínola Fagundes Filho e “R” a repórter de campo Gabriela Ribeiro.

Tabela 13 – Resultado geral da transmissão do Premiere

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>N</b>	<b>C1</b>	<b>C2</b>	<b>CA</b>	<b>R</b>	<b>Total</b>	
<b>Comentário</b>	Opinião	108	58	125	34	5	330	542
	Análise Técnica	54	69	70	19	0	212	
<b>Fronteira</b>	Emoção	31	1	0	0	0	32	609
	Explicação	31	19	23	18	4	95	
	Humor	50	4	6	0	5	65	
	Informação	318	15	9	19	45	406	
	Publicidade	11	0	0	0	0	11	
<b>Narração</b>	Relato	1.010	3	1	6	0	1.020	1.174
	Apresentação	138	4	8	2	2	154	
<b>Total</b>		1.751	173	242	98	61	2.325	

*Fonte: Elaboração própria*

O quadro evidencia que o narrador foi responsável por 162 dos 542 itens atribuídos à categoria “Comentário” da transmissão, o que corresponde a 29,88% do universo. Em relação à categoria “Fronteira”, o jornalista Everaldo Marques produziu 441 frases das 609 emitidas por todos os membros da transmissão juntos, o que representa 72,41% do conjunto. Já na categoria “Narração”, dos 1.174 itens verificados durante toda a cobertura, 1.148 foram emitidos pelo narrador, o que consiste em 97,78% do total.

## 6. INFERÊNCIAS ACERCA DA ANÁLISE DAS TRANSMISSÕES

A partir dos dados obtidos na análise do capítulo anterior, será realizado nesta seção o estudo e a inferência dos resultados. Em um primeiro momento, cada transmissão televisiva do jogo será observada individualmente a fim de verificar quais são suas características principais, os formatos adotados por cada narrador e as categorias mais marcantes em sua produção. Em seguida, será realizada uma análise comparativa entre as transmissões para verificar quais foram as semelhanças e diferenças entre as produções.

A primeira transmissão examinada é a da Rede Globo, que teve o comando do jornalista Cléber Machado. O comunicador é um dos principais narradores da emissora, sendo recorrentemente alocado para apresentar os jogos nas coberturas esportivas. Entretanto, como foi evidenciado ao longo deste estudo, em especial no primeiro capítulo (Introdução), há torcedores que tecem inúmeras críticas à sua narração, declarando haver um certo “clubismo”<sup>24</sup> em sua fala e uma elevada quantidade de opiniões emitidas durante a locução das partidas.

No que diz respeito a essa questão, a presente pesquisa verificou que o discurso de Cléber Machado na transmissão em análise foi majoritariamente narrativo, uma vez que 57,65% das frases emitidas foram atribuídas à categoria “Narração”. Além disso, a categoria “Comentário” foi a que apresentou a menor quantidade de elementos na transmissão, sendo que a subcategoria “Opinião” – constantemente questionada pela audiência durante os jogos – obteve 179 itens, o que representa 10,25% do discurso do narrador ao longo da cobertura.

Entretanto, apesar de um ser um percentual reduzido, quando comparado aos números dos outros membros da equipe de transmissão, o narrador da Rede Globo foi o profissional que mais emitiu mais frases opinativas, com produção três vezes superior à do segundo colocado, que foi o comentarista Walter Casagrande, com 58 itens. Compreende-se, portanto, que o comunicador Cléber Machado é a figura principal responsável pela produção opinativa na transmissão do canal.

Além disso, no que se refere à subcategoria “Análise Técnica”, os números também demonstram que o narrador foi o principal produtor, tendo emitido 46,04% do conteúdo. Assim, é evidente mais uma vez que Cléber Machado não é uma figura que se prende à sua função de relatar e apresentar a cobertura. O comunicador oscila entre atividades durante todo o jogo e pode ser compreendido também como um comentarista, uma vez que declara mais análises e opiniões do que os próprios profissionais dedicados à função.

---

<sup>24</sup> Nesse caso, o termo “clubismo” se refere à quando há uma pretensão, isto é, um favorecimento na fala sobre um dos dois times, indicando provável preferência pessoal do narrador pela equipe.

O narrador da Rede Globo também é quem lidera todas as categorias e subcategorias em números gerais. Em virtude do tempo destinado à sua fala, que corresponde a 79 minutos e dois segundos, ou seja 82,08% da transmissão, é esperado que haja esse domínio, contudo, é interessante o fato de nenhuma subcategoria – em especial as pertencentes a “Comentário” – não terem a predominância de nenhum comentarista, uma vez que a priori essa foi pré-determinada com uma responsabilidade desses profissionais.

Outro ponto marcante da transmissão da Rede Globo, conforme exibido na Tabela 5, é que as participações dos comentaristas e do repórter na cobertura foram majoritariamente solicitadas pelos profissionais e não pelo narrador, que nesse estudo foi visualizado a priori como condutor e apresentador do programa. Dos 75 momentos de fala desses membros da transmissão, 49 tiveram pedidos para se manifestar, o que representa 65,33% do total.

A análise também verificou que durante esses momentos os profissionais foram 33 vezes interrompidos pelo narrador, o que representa 44% do total. Através da análise qualitativa desses momentos da cobertura, percebeu-se que os comentaristas e o repórter tiveram que reorganizar seu discurso a cada interrupção, a fim de estabelecer uma conexão respeitosa com o narrador sem perder sua linha de raciocínio. Outro destaque observado foi que, com alguns comentaristas, como o ex-jogador Walter Casagrande, o narrador apresentou mais intimidade e realizou mais interrupções durante sua fala do que em relação à fala dos outros profissionais.

Em relação à publicidade – que durante a presente pesquisa foi considerada como parte da obrigação empresarial do narrador, assim como está descrito no terceiro capítulo (Especializações e categorias do jornalismo), verificou-se, na transmissão, que apenas as propagandas da Rede Globo, foram realizadas pelo comunicador – o único membro da cobertura a praticar tais atividades. Assim, infere-se que essa é uma atividade limitada, uma vez que o narrador se compromete apenas com a divulgação dos produtos da empresa em que trabalha, com pouca atribuição de juízo de valor, evidenciando os serviços prestados.

Já na análise das sequências narrativas, notou-se que apesar do relato ser o principal conteúdo produzido por Cléber Machado, a quantidade de frases registradas nessa categoria decaiu ao longo da transmissão. Além disso, apesar de dois dos três gols da partida e a expulsão terem ocorrido nas duas últimas sequências de análise, não foi verificado na categoria “Relato” e na subcategoria “Emoção” nenhum aumento proporcional – necessário uma vez que a última sequência contabilizou os acréscimos acumulados no jogo, tendo apenas cinco minutos. Em contrapartida, os números de frases atribuídas à subcategoria “Apresentação” e “Informação” se elevaram.

Outro destaque da análise individual por conjuntos de sequências foi a uniformidade das produções das subcategorias pertencentes à classificação “Fronteira”. Apenas a subcategoria “Informação” apresentou aumento substancial, em especial nos últimos 35 minutos do jogo, o que pode ser justificado por ser os momentos de mais substituições de jogadores, bem como por ser o período da expulsão e dos dois últimos gols do São Paulo Futebol Clube.

Desse modo, em aspectos gerais, a transmissão de Cléber Machado pela Rede Globo apresentou a narração como prioridade da cobertura. Entretanto, paralelo ao relato e à apresentação do programa esportivo, verificou-se uma elevada quantidade de conteúdos opinativos e de análise técnica, que superou a realizada pelos próprios comentaristas presentes. Tal característica pode ser uma justificativa do porquê há tantas reclamações da audiência quanto às produções do narrador.

Já a segunda transmissão examinada é a do Premiere, que teve o comando do narrador Everaldo Marques. O comunicador que recentemente foi contratado pela empresa, como está descrito no quinto capítulo (Análise das transmissões televisivas de futebol), possui narrações mais descontraídas, sendo conhecido como o criador do bordão “Você é ridículo!” – utilizado para descrever jogadores que realizaram algum lance fenomenal ou sensacional durante a partida.

Em relação ao jogo em análise, o presente estudo verificou que o discurso de Everaldo Marques foi predominantemente narrativo, uma vez que 65,56% das frases emitidas foram atribuídas à categoria “Narração”. Outro destaque da cobertura foi o fato da categoria “Fronteira” ter sido a segunda com mais itens, obtendo quase três vezes mais frases que “Comentário”, que representou apenas 9,25% das falas emitidas pelo comunicador. Além disso, a subcategoria de “Opinião” constituiu apenas 6,16% das manifestações do profissional.

Diferente do que ocorreu na análise da transmissão da Rede Globo, no cruzamento dos dados obtidos no estudo dos discursos do narrador, dos comentaristas e da repórter, Everaldo Marques foi o segundo membro da cobertura que mais emitiu opiniões, tendo produzido 108 frases e, assim, sendo responsável por 32,72% das produções opinativas. Os números foram inferiores apenas aos do ex-jogador Caio Ribeiro, que manifestou 125 frases. É possível inferir nesse caso que, apesar de ser uma figura com posicionamentos e assumir por vezes a função de comentarista, o narrador não é o elemento central dessa atividade.

Uma estatística que confirma essa concepção é a da subcategoria “Análise Técnica”, em que o comunicador apresentou 54 itens. Tal número o classifica como o terceiro maior produtor da subcategoria no ranking comparativo entre os membros da cobertura, sendo responsável por 25,47% do conteúdo. Nessa classificação, os principais emissores de análises técnicas foram os



comentaristas generalistas, o ex-jogador de futebol Caio Ribeiro, com 70 frases, e o jornalista Bob Faria, com 69.

Além disso, na análise qualitativa da categoria “Comentário” no discurso de Everaldo Marques, percebeu-se que as frases atribuídas a essa classificação foram emitidas principalmente durante momentos de relato, caracterizando por exemplo um chute ao gol, um lance ou até mesmo um jogador como bom ou ruim. Também verificou-se que as opiniões estavam ligadas aos momentos de apresentação da cobertura, em geral quando o narrador chamava algum comentarista ou a repórter para participar da transmissão.

Entretanto, no que se refere ao movimento contrário, de comentaristas atuando nas categorias de narração, notou-se que foi pouco realizado, uma vez que esses profissionais raramente assumem a função de relato e condução do programa – atividades atribuídas a priori ao narrador na presente pesquisa. Dos 1.020 itens atribuídos à subcategoria “Relato”, por exemplo, apenas dez frases foram emitidas pelos comentaristas e pela repórter, o que representa apenas 0,98% do universo. Além disso, a transmissão foi caracterizada pelo retorno do turno de fala dos membros da transmissão ao narrador, sendo feitos relatos apenas em momentos com pouca importância, como marcação de faltas no meio do campo, por exemplo.

Portanto, nas categorias e subcategorias, com exceção da classificação “Comentário” – que contempla “Opinião” e “Análise Técnica”, o narrador foi o maior produtor de conteúdo, liderando em números gerais. Assim, como foi evidenciado na análise da primeira transmissão, o elevado tempo de fala destinado ao comunicador justifica tal estatística, uma vez que o período atribuído a Everaldo Marques foi de 71 minutos e cinco segundos, o que corresponde a 73,82% da cobertura esportiva.

Esse papel do narrador que lidera apenas na categoria definida a priori como sua função narrativa e na categoria intermediária, de fronteira, demonstra um zelo pelo papel do comentarista, como o principal responsável por emitir opinião. Tal cuidado também pode ser evidenciado durante a participação de outros profissionais na cobertura, como demonstra a Tabela 9, que informa dados sobre os turnos de falas dos demais membros da transmissão e as características de suas colaborações através de valores quantitativos.

No total, foram verificados 84 momentos de fala atribuídos aos comentaristas e à repórter, dos quais 60 foram provocados pelo narrador, o que corresponde a 71,42%. Assim, é possível inferir que a transmissão prezou pela participação dos demais profissionais presentes, possibilitando diversos momentos de manifestação. Essa concepção também foi verificada na análise qualitativa das transmissões, cuja conclusão foi que, a cada sequência narrativa da cobertura, pelo menos três dos quatro comentaristas se manifestaram.

Outra questão analisada foi a quantidade de interrupções ou conversas estabelecidas pelo narrador durante o turno de fala dos outros profissionais. Durante toda a transmissão, o comunicador interrompeu por nove vezes o turno de fala dos outros membros da transmissão. Ao observar esses momentos, notou-se que eram períodos de descontração ou situações em que o narrador manifestava dúvidas sobre o conteúdo apresentado, a fim de fornecer à audiência explicações mais claras sobre os acontecimentos.

No que se refere à publicidade, assim como ocorreu na análise anterior da Rede Globo, apenas as divulgações relativas a produtos do Grupo Globo foram realizadas por Everaldo Marques. O narrador também foi o único membro da equipe da transmissão a ter contato com publicidade e, ao executá-la, foi breve, demonstrando apenas o produto e como contratá-lo. Além disso, as publicidades foram divididas de forma precisa entre o primeiro e o segundo tempo, com cinco divulgações cada.

Já na análise das sequências narrativas, foi verificada uma constância no número de elementos da subcategoria “Relato”, além de uma crescente em “Apresentação” nos últimos 35 minutos do jogo, quando ocorreu a expulsão de um jogador e dois dos três gols da partida. Além disso, na última sequência, pode ser visualizada uma crescente de emoção no discurso do narrador, que apresentou 18 frases, o que corresponde a 58,06% dos elementos atribuídos à subcategoria durante todo o jogo.

Outra característica da transmissão foi que os três conteúdos mais produzidos por Everaldo Marques foram as duas subcategorias pertencentes ao quesito “Narração” e a subcategoria “Informação”, o que demonstra a preocupação em transmitir dados e fatos. Desse modo, é possível inferir que o narrador teve como foco em sua atuação as atividades atribuídas à priori à categoria “Narração”, e priorizou a cobertura dos lances e eventos da partida, emitindo mais elementos narrativos à medida que os acontecimentos ocorriam em campo.

Após a análise individual das duas transmissões televisivas dos jogos, é possível concluir que ambas as coberturas são caracterizadas por seu caráter majoritariamente narrativo, isto é, por priorizarem a produção de conteúdo que se enquadra nas subcategorias “Apresentação” e, principalmente, “Relato”. Além disso, as produções apresentam percentuais semelhantes na categoria “Narração”. Enquanto a transmissão da Rede Globo evidenciou 1.037 frases nessa classificação, o que representa 48,23% do discurso emitido por todos os membros da transmissão ao longo da cobertura, a do Premiere obteve 1.174 frases, o que corresponde a 50,49% do conteúdo produzido.

Além disso, ambas as coberturas esportivas foram caracterizadas por não priorizarem a criação de conteúdo para a categoria “Comentário”, uma vez que a quantidade de frases

atribuídas à categoria “Fronteira” foi superior à anterior. Enquanto a Rede Globo demonstrou 512 itens (23,81%) pertencentes à categoria opinativa e de análise técnica e 601 (27,95%) à fronteira, o Premiere contabilizou 542 frases (23,31%) em “Comentário” e 609 (26,19%) em “Fronteira”. Assim, é evidente que os dois comunicadores não priorizaram a emissão de opiniões e análises técnicas nos discursos e na condução do jogo.

Entretanto, ao comparar as transmissões, o narrador Cléber Machado – que foi o maior produtor da categoria “Comentário” na cobertura da Rede Globo – produziu 278 frases em “Comentário”, quantidade 71,60% superior ao conteúdo emitido pelo narrador Everaldo Marques – segundo da transmissão do Premiere com mais itens na categoria, que correspondeu a 162 frases. Além disso, o comunicador Cléber Machado obteve, nas duas classificações atribuídas à categoria “Comentário”, números superiores de itens em comparação ao jornalista do canal por assinatura. Em “Opinião” foi 65,74% a mais de frases e, em “Análise Técnica”, 83,33%.

Apesar dessa diferença, notou-se que os comentários foram emitidos principalmente em alternância aos momentos de relato em ambas as coberturas. Com isso, as produções dos narradores tinham o objetivo geral de tecer críticas e elogios a lances ou jogadores durante a partida, expondo suas perspectivas pessoais sobre os acontecimentos. Em alguns casos, logo após as manifestações, era solicitada a opinião de algum comentarista, a fim de comprovar ou não a ideia apresentada.

Em relação à categoria “Fronteira”, as transmissões apresentaram ao longo de todo o jogo regularidade e constância no que se refere ao número de frases nas subcategorias, isso porque as quantidades não se modificaram significativamente no decorrer das sequências narrativas. Ao analisar os números, compreende-se que, nas duas transmissões, os três conteúdos mais produzidos na classificação foram em ordem decrescente: informação, explicação e humor.

Contudo, na cobertura do Premiere, a quantidade de itens atribuídos à subcategoria “Informação” foi superior à apresentada na da Rede Globo. Enquanto no canal por assinatura, os itens exibidos na subcategoria explicativa foram produzidos de forma praticamente igualitária pelo narrador e pelos comentaristas, na Rede Globo, tais mensagens foram produzidas majoritariamente (64,88%) pelo comunicador Cléber Machado. Já as subcategorias “Humor” e “Publicidade” obtiveram mais frases na análise do canal aberto.

Tais dados permitem inferir que no canal por assinatura a produção preza por retratar os acontecimentos e fornecer dados técnicos da partida. Já os números do canal aberto revelam o foco na função comercial e de entretenimento. Contudo, apesar do destaque na Rede Globo na

subcategoria “Humor”, pode-se inferir que ambas as coberturas podem ser consideradas como produtos de infotimento (cujo conceito foi descrito no quarto capítulo, de Elementos do discurso do jornalismo esportivo: a narração e o comentário), uma vez que, em dados gerais, as duas produções apresentam números similares em “Emoção”.

Essa concepção sobre as transmissões em análise da Rede Globo e do Premiere serem conteúdos de infotimento justifica-se devido à oscilação do discurso emitido durante toda a cobertura. As frases observadas contemplam não apenas informações, dados e fatos da partida, mas também contêm recursos humorísticos e emotivos que visam divertir e distrair o público. A partir do presente estudo, pode-se concluir que tais recursos são inseridos nas produções esportivas a fim atrair e fidelizar a audiência, proporcionando coberturas menos monótonas e mais agradáveis e interessantes aos telespectadores.

No que se refere à observação das ações dos narradores, percebe-se que o comunicador Cléber Machado, do canal da Rede Globo, requisitou apenas 26 vezes a participação dos comentaristas e do repórter. Por sua vez, o jornalista Everaldo Marques, do Premiere, requisitou a presença dos demais membros da transmissão por 60 vezes, valor 230% superior ao anterior. Além disso, na Rede Globo, foram realizadas 49 solicitações de fala, enquanto no Premiere foram 24 pedidos.

A partir desses dados, é possível afirmar que o narrador Cléber Machado proporcionou menos oportunidades para que os demais membros da transmissão compartilhassem suas ideias e perspectivas, o que pode justificar, por exemplo, não apenas o elevado número de solicitações de fala, como também a predominância do comunicador nas produções atribuídas à categoria “Comentário”. Em contrapartida, o narrador Everaldo Marques realizou uma cobertura mais dinâmica e participativa, em que se verificou em todas as sequências narrativas possibilidades de manifestação dos demais profissionais.

Outro fator de relevância analisado é como ocorreram esses momentos de fala de comentaristas e repórteres. No que se refere à transmissão da Rede Globo, os profissionais obtiveram foram interrompidos pelo narrador por 33 vezes (44% das manifestações), enquanto na do Premiere, foram apenas nove vezes (10,71%). Notou-se também que diversas interrupções de Cléber Machado poderiam ser evitadas, uma vez que consistiam apenas na concordância das ideias apresentadas pelos comunicadores.

Desse modo, é possível inferir que o narrador Everaldo Marques, ao proporcionar um turno de fala a outro membro da transmissão, incentiva a manifestação de ideias ao não interferir no discurso. Além disso, os momentos de interrupção são caracterizados prioritariamente pelo objetivo de fornecer comentários mais explicativos e didáticos à audiência. Tal abordagem é

diferente da aplicada por Cléber Machado, cujo objetivo demonstra ser de entreter e divertir o telespectador.

Essa inferência também pode ser compreendida a partir do tempo de fala de cada narrador durante a transmissão. Enquanto o jornalista Cléber Machado, da Rede Globo, obteve tempo de fala total de 79 minutos e dois segundos (82,08% da transmissão), Everaldo Marques, na cobertura do Premiere, obteve 71 minutos e cinco segundos (73,82% da transmissão). Percebe-se, então, que o narrador do canal por assinatura propiciou não só mais possibilidades de fala para os membros da transmissão como também permitiu que se manifestassem por mais tempo.

Por fim, em relação à estrutura do programa, ambos os canais apresentaram formatos semelhantes, com a presença de três comentaristas esportivos e um repórter de campo. Além disso, as tarefas relacionadas à condução da transmissão – atribuídas aos narradores – é a mesma. Entre elas estão: abrir a cobertura, requisitar e fornecer momentos de fala aos demais membros da transmissão, realizar publicidade de produtos do Grupo Globo, dedicar tempo para a publicidade das demais marcas e produzir conteúdo ao longo de todo o jogo.

Com isso, as diferenças relativas ao formato da cobertura realizada em cada canal de televisão se basearam apenas na quantidade de publicidades realizadas por cada narrador, que são decisões pré-determinadas pela empresa, e nos recursos disponíveis na transmissão. Nesse sentido, as publicidades realizadas pelo narrador do Premiere foram exclusivamente relacionadas à venda dos pacotes do canal por assinatura.

Já a apresentação de Cléber Machado se diferenciou por promover publicidade para produtos da própria transmissão, como o *Show do Intervalo* – programa realizado no período entre o primeiro e o segundo tempo da partida, bem como por realizar a divulgação de outros programas do canal, como novelas e produções de entretenimento. Além disso, a apresentação também se diferenciou por conter e divulgar o recurso *Craque do Jogo* – em que o público vota ao longo da partida para eleger e premiar o melhor jogador em campo<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Apesar de haver a votação popular, o jogador é eleito também pelo voto dos dois comentaristas generalistas da partida. Nesse sistema, o voto popular vale apenas um ponto, assim como o de cada comentarista.

## 7. CONCLUSÃO

O presente estudo permite compreender que as transmissões televisivas dos jogos na atualidade, independente do canal em que são transmitidas – seja de sinal aberto ou por assinatura, tem como foco a produção narrativa, assim como ocorre no rádio. Tal característica pode ser compreendida como consequência do movimento de jornalistas e comunicadores que assumem a função de narrar. Essa concepção, além de ser descrita e defendida por pesquisadores como Camargo (2005) e Gomes (2015), é confirmada na pesquisa pelo fato dos dois narradores das coberturas esportivas analisadas terem iniciado suas carreiras no rádio<sup>26</sup>.

Entretanto, apesar do relato e da condução do programa esportivo serem prioridade nas transmissões, os comentários, as expressões opinativas e as análises técnicas não são elementos exclusivos dos profissionais chamados de comentaristas, que em geral compõem as equipes de cobertura dos jogos. Assim, é evidente que a quantidade de frases contendo juízos de valor em uma transmissão pode variar em virtude do narrador que a conduz, uma vez que esse comunicador, além de poder emitir sua opinião em diversos momentos, também é quem gerencia os turnos de fala dos demais membros presentes.

Na análise das transmissões, por exemplo, apesar das estatísticas demonstrarem que a cobertura do Premiere foi a que deteve mais frases atribuídas à categoria “Comentário”, ao comparar os dados individuais dos narradores, o jornalista Cléber Machado emitiu 65,74% a mais de juízo de valor que Everaldo Marques. Assim, o comunicador foi considerado a figura do canal aberto que mais declarou percepções pessoais durante o jogo. Tal dado permite inferir que as expressões opinativas estiveram presentes de forma semelhante nas coberturas, porém, devido à diferença de estilo e formato apresentado por cada narrador, tal conteúdo foi produzido por diferentes membros das transmissões.

O estudo também permite concluir que, entre a narração e o comentário, há uma região fronteira que é atravessada constantemente nas coberturas esportivas, ao ponto da categoria “Fronteira” ter apresentado na análise mais itens atribuídos do que “Comentário” – que, por sua vez, foi a classificação com menor número de frases. Tais cruzamentos foram observados, por exemplo, no discurso dos narradores em momentos de relato ou apresentação do programa. Isso

---

<sup>26</sup> No Brasil, o fluxo de comunicadores esportivos do rádio para a televisão é uma questão histórica. Assim como foi descrito no segundo capítulo deste estudo (Futebol no Brasil), ao chegar ao país, a televisão contratou os principais profissionais do antigo meio para compor suas equipes de transmissão. Com isso, as primeiras produções televisivas de esporte tiveram forte influência do rádio (CAMARGO, 2005). Na atualidade, tal movimento ainda é uma realidade, sendo o rádio o início da carreira de diversos narradores televisivos de futebol.

porque, ao solicitar a manifestação de comentaristas e repórteres, o narrador emitia juízos de valor e análises próprias do jogo a fim de guiar a fala do profissional e orientar a audiência.

Logo, através da presente análise, foi possível compreender as possíveis motivações do discurso proferido por narradores, comentaristas e repórteres. Nesse sentido, conclui-se que a cobertura esportiva da Rede Globo, além de evidenciar a narração, foi marcada pelo caráter opinativo do narrador Cléber Machado. A publicidade e o humor – que foram uma das subcategorias fronteiriças com mais itens observados – demonstraram também o foco mercadológico e de entretenimento da produção. Além disso, o elevado índice de frases explicativas e emotivas demonstra o objetivo do canal de atrair desde a audiência que acompanha futebol até quem raramente consome esse conteúdo.

Já a transmissão do Premiere é percebida como uma cobertura especializada em que há maior apresentação de fatos, dados e informações técnicas no discurso. A produção demonstrou, especialmente através das falas emitidas pelo narrador, uma preocupação em traduzir e relatar todos os acontecimentos que ocorreram em campo. Em comparação à Rede Globo, a transmissão esportiva do canal a cabo também teve sua vertente mercadológica realçada através da publicidade e da emoção inseridas nas falas. Assim, foi verificado que ambas as transmissões são produtos de infotainment, cujo discurso oscila entre informação e diversão.

Portanto, respondendo à pergunta de pesquisa, a fronteira entre o comentário e a narração no jornalismo esportivo brasileiro é, para além de uma categoria intermediária, um processo comunicativo que integra as transmissões, sendo caracterizado por conter recursos e características distintas tanto da narração quanto do comentário. Tal conclusão justifica-se pelo fato das subcategorias atribuídas à “Fronteira”, com exceção da publicidade, terem sido verificadas nos discursos de todos os membros presentes na cobertura em diferentes formatos. Assim, não é possível distribuir as funções fronteiriças na dualidade narração-comentário, o que evidencia um crescente hibridismo<sup>27</sup> na linguagem jornalística.

Desse modo, para estudos futuros, sugere-se o aprofundamento da análise também em relação ao discurso emitido por comentaristas, repórteres e demais membros da transmissão. Isso porque, apesar de ter sido realizada a análise individual das falas de cada profissional presente nas coberturas esportivas, tais resultados só foram utilizados para ambientação e

---

<sup>27</sup> Hibridismo pode ser compreendido como uma mistura de dois elementos, processos ou formatos. No caso do jornalismo, o hibridismo pode ser verificado, por exemplo, em telejornais, em que o apresentador por vezes mescla informação e humor em seu discurso, proporcionando um produto não só informativo como também de entretenimento.

contextualização das atividades realizadas pelos narradores, uma vez que suas falas e ações estão intrinsecamente relacionadas às dos outros especialistas.



## REFERÊNCIAS

- ADVÍNCULA, Nathália Carvalho; ALVES, Kellyanne. **Informação x Opinião: caminhos históricos dos gêneros jornalísticos**. In: 8º Encontro do JPJor. 2018. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/jpjor/JPJor2018/paper/view/1346>>. Acesso em: 31 mar. de 2021.
- ANDRADE, Andrei; BRITTOS, Valério Cruz. **O ‘futebolês’ que trava o jornalismo esportivo**. Observatório da Imprensa, 2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/feitos-desfeitas/o-futeboles-que-trava-o-jornalismo-esportivo/>>. Acesso em: 17 abr. de 2021.
- ASSIS, Francisco de; MARQUES DE MELO, José. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442016000100039&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-58442016000100039&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 02 dez. de 2020.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. Editora Contexto, 2006.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977.
- BARICHELO, Julia; BERTOL, Sônia; BERTONCELLO, Wagner; MISTURA, Rebecca. **Jornalismo Opinativo: Uma Análise dos Gêneros Opinativos no Jornal Folha de São Paulo**. Intercom-Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Passo Fundo, 2019. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0697-1.pdf>>. Acesso em: 31 mar. de 2021.
- BELMONTE, Wagner Barge; JÚNIOR, Ary José Rocco. **Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória da Revista Placar**. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Vila Velha. 2014.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, ARI, 1980.
- BONIN, Ana Paula Cabral; CAPRARO, André Mendes; MAOSKI, Diogo; MEZZADRI, Fernando Marinho. **A transmissão radiofônica de jogos de futebol: a incoerente gratuidade de um espetáculo esportivo?**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, n. 2, p. 186-193, 2016. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892016000200186&script=sci\\_abstract&tlng=es](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892016000200186&script=sci_abstract&tlng=es)>. Acesso: 18 mar. de 2021.
- BONJOCH, Eduardo. **Saiba como tirar a voz de Galvão Bueno das transmissões de futebol**. UOL, 7 mar. de 2014. Notícias da TV, Tecnologia. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/tecnologia/saiba-como-tirar-a-voz-de-galvao-bueno-das-transmissoes-de-futebol-2595>>. Acesso em: 11 mar. de 2021.

BRAGA, Abel. **Apresentação Abel Braga**. [Coletiva de imprensa]. Sport Club Internacional YouTube, 2020. (44m05s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oblqaxODXdg>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Pelas barbas do profeta”: Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a TV**. Juiz de Fora: UFJF, 2005. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/FBrinati.pdf>>. Acesso em: 30 mar. de 2021.

BRUM, Elaine. **Saiu o Gol do Fortaleza, na Globo rolava o *merchan*, Cléber Machado não narrou o gol e precisou narrar a jogada depois qdo [quando] os jogadores já comemoravam. Que péssimo, Globo #corxfor**. São Paulo, 26 ago. de 2020. Twitter: @nanybrum. Disponível em: <<https://twitter.com/nanybrum/status/1298800731357671425?s=20>>. Acesso em: 13 abr. de 2021.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.

CALDAS, Waldenyr. **O futebol no país do futebol**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, v. 3, n. 2, p. 24-30, 1986. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451986000300005&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64451986000300005&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. **A trajetória da mensagem esportiva: dos sons à imagem paulistana**. Campinas: Unicamp, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/4bda965829a410175c1ec3cb770190a0.PDF>>. Acesso em: 12 mar. de 2021.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **Comunicação e transgressão no esporte**. Ibrasa, 1997. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=350fTtjx9U8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=comunica%C3%A7%C3%A3o+e+transgress%C3%A3o+no+esporte&ots=spbeiJIq37&sig=iZVRqny6RE7fuzdR7WUNB3I\\_XAw](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=350fTtjx9U8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=comunica%C3%A7%C3%A3o+e+transgress%C3%A3o+no+esporte&ots=spbeiJIq37&sig=iZVRqny6RE7fuzdR7WUNB3I_XAw)>. Acesso em: 12 abr. de 2021.

CARDOSO, Marcelo. **Jornalista especializado em esportes: Uma discussão sobre a formação contínua do profissional**. Revista Alterjor, v. 17, n. 1, p. 39-54, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/137365>>. Acesso em: 20 mar. de 2021.

CASTRO, Ruy. **Programas surdo-mudos**. In: BOAS, Sergio Vilas. *Formacao & Informacao Esportiva Jornalismo Para Iniciados E Leigos*. Summus Editorial, 2005.

CBF, Diretoria de Competições da. **Regulamento Específico da Competição Campeonato Brasileiro Série A de 2020**. Confederação Brasileira de Futebol, 2020. Disponível em: <[https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202003/20200304095332\\_562.pdf](https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202003/20200304095332_562.pdf)>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Regras de Futebol 2020/2021**. Confederação Brasileira de Futebol, 2020. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa/livro-de-regras-2019-2020-portugues>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

\_\_\_\_\_; EY. **Relatório Impacto do Futebol Brasileiro na economia**. Confederação Brasileira de Futebol, 2019. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-apresenta-relatorio-sobre-papel-do-futebol-na-economia-do-brasil>>. Acesso em: 31 mar. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Livro de Regras 2020-2021 Português**. Confederação Brasileira de Futebol, 2020. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/arbitragem/aplicacao-regra-diretrizes-fifa/livro-de-regras-2019-2020-portugues>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. Grupo Editorial Summus, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Angela SM Corrêa, São Paulo, Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. Editora Contexto, 2003.

CONSULTORIA, Pluri. **Raio-X do Futebol Brasileiro por Estado**. 19 mai. de 2020. Gestão e Governança, Indústria do Esporte. Disponível em: <<https://www.pluriconsultoria.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Raio-X-do-Futebol-Brasileiro-por-Estado-PLURI-Consultoria.pdf>>. Acesso em: 18 mar. de 2021.

COSTA, Cristiane Finger; GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **Narradores de futebol do rádio de Porto Alegre, dos desbravadores aos contemporâneos**. Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 17, n. 2, p. 126-137, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/66294>>. Acesso em: 16 abr. de 2021.

COSTA, Lailton Alves da. **Gêneros jornalísticos**. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.

ECA. **Fan of the Future: Defining Modern Football Fandom**. European Club Association. 02 set. de 2020. Disponível em: <[https://www.ecaeurope.com/media/4816/eca-fan-of-the-future-defining-modern-football-fandom\\_website.pdf](https://www.ecaeurope.com/media/4816/eca-fan-of-the-future-defining-modern-football-fandom_website.pdf)>. Acesso em: 09 abr. de 2021.

FABRIS, Jonata. **Narração esportiva: história, linguagem e protagonistas**. 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/181795>>. Acesso em: 31 mar. de 2021.

FAHERTY, Conor. **The top 20 rivalries in world football ranked – from Boca-River to Old Firm derby**. 15 set. de 2019. The Daily Mirror, Football. Disponível em: <<https://www.mirror.co.uk/sport/football/news/top-20-rivalries-world-football-20044798>>. Acesso em: 18 mar. de 2021.

FELBERG, Bruno. **A multiperspectividade no comentário esportivo: como saberes de jornalistas e ex-jogadores de futebol podem dialogar entre si**. Cadernos de Comunicação, v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/33234>>. Acesso em: 31 mar. de 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur; GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica**. Revista Brasileira de História da Mídia, v. 7, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/5348>>. Acesso em: 10 abr. de 2021.

FIFA. **Laws of the Game 2020/21**. Fédération Internationale de Football Association, 2020. Disponível em: <<https://resources.fifa.com/image/upload/ifab-laws-of-the-game-2020-21.pdf?cloudid=d6g1medsi8jrrd3e4imp>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

FIFA.COM. **Brazil's football history**. Fédération Internationale de Football Association, 2014. Disponível em: <<https://www.fifa.com/worldcup/videos/brazil-football-history-2312952>>. Acesso em: 11 nov. de 2020.

\_\_\_\_\_. **The History of Football**. Fédération Internationale de Football Association, 2007. Disponível em: <<https://www.fifa.com/news/the-history-football-425>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2005.

GABRIEL, Bruno José; JÚNIOR, Miguel Archanjo de Freitas; SCHIMANSKI, Édina. **O pensamento social acerca do futebol brasileiro: da introdução à paixão nacional**. Revista Eletrônica Fafit/Facic, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.fafit.com.br/revista/index.php/fafit/article/view/97>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

GASTALDO, Édison Luis. **Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998**. Intercom, 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/92350863548771939792413205291871992923.pdf>>. Acesso em: 25 mar. de 2021.

GIACOMELLI, Fábio Ozorio. **Os jogos de futebol na palma da mão**. 2016. Tese de Doutorado. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/51198425/Os\\_jogos\\_de\\_futebol\\_na\\_palma\\_da\\_mao\\_-\\_estudo\\_de\\_caso\\_das\\_narrativas\\_esportivas\\_em\\_aplicativos\\_para\\_dispositivos\\_moveis.pdf](https://www.academia.edu/download/51198425/Os_jogos_de_futebol_na_palma_da_mao_-_estudo_de_caso_das_narrativas_esportivas_em_aplicativos_para_dispositivos_moveis.pdf)>. Acesso em: 20 mar. de 2021.

GLOBO, Rede. **Globo anuncia parceria estratégica de co-inovação e migração para nuvem com Google Cloud**. 07 abr. de 2021. Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/globo-anuncia-parceria-estrategica-de-co-inovacao-e-migracao-para-nuvem-com-google-cloud.ghtml>>. Acesso em: 02 mai. de 2021.

GLOBOESPORTE.COM. **PESQUISA: Brasileiro é o torneio favorito no país, menos para gaúchos**. Futebol, 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/05/pesquisa-brasileirao-e-o-torneio-favorito-no-pais-menos-para-gauchos.html>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

GÓES, Francisco. **João Roberto Marinho vai presidir conselho do Grupo Globo**. Grupo Globo, Valor Econômico, 24 abr. de 2021. Disponível em: <<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2021/04/29/joao-roberto-marinho-vai-presidir-conselho-do-grupo-globo-sembarreira.ghtml>>. Acesso em: 30 abr. de 2021.

GOMES, Itania Maria Mota. **O Infotainment na televisão**. XVIII COMPÓS, 2009. Disponível em: <[https://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1154.pdf](https://www.compos.org.br/data/biblioteca_1154.pdf)>. Acesso em: 07 mai. de 2021.

GOMES, Rodrigo Rocha. **Narração Esportiva na Televisão**. 2015. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2016/06/MONOGRRAFIA-NARRA%C3%87%C3%83O-ESPORTIVA-NA-TV.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

GONÇALEZ, Márcio Carbaca. **Publicidade e propaganda**. IESDE BRASIL SA, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mcjMntKor5gC&oi=fnd&pg=PA7&dq=diferen%C3%A7a+entre+publicidade+e+propaganda&ots=9Z9jqrcLU8&sig=PR8--MB3nGxM3WhPn4agERh-jI4>>. Acesso em: 02 mai. de 2021.

GUEDES, Simoni Lahud. **Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiro**. *Esporte e Sociedade*, n. 16, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48365>>. Acesso em: 10 abr. de 2021.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/124499157899555197708584099959759347156.pdf>>. Acesso em: 11 nov. de 2020.

HERMANN, Ciça. **Você sabe a diferença entre narração e locução?**. Ciça Voz, 2020. Disponível em: <<https://cicavoz.com.br/diferenca-entre-locutor-narrador/>>. Acesso em: 17 abr. de 2021.

HIAGO. **Esse Cléber Machado nem esconde o clubismo. O Fortaleza teve as melhores chances do jogo e o cara fala que o Corinthians que lamentou o empate kkkkk #CORxFOR**. Aquiraz, 26 ago. de 2020. Twitter: @Hiago45501354. Disponível em: <<https://twitter.com/Hiago45501354/status/1298809535801499650?s=20>>. Acesso em: 13 abr. de 2021.

IFFHS. **IFFHS World's Best National League in the World 2020**. International Federation of Football History & Statistics, 20 jan. de 2021. Disponível em: <<https://www.iffhs.com/posts/911>>. Acesso em: 19 mar. de 2021.

\_\_\_\_\_. **IFFHS World's Strongest National League of the Decade 2011-2020**. International Federation of Football History & Statistics, 25 mar. de 2021. Disponível em: <<https://www.iffhs.com/posts/1020>>. Acesso em: 26 mar. de 2021.

KNOELLER, Wagner Willian. **Silvio Luiz: Olho no lance**. São Paulo: Nova Cultural, v. 320, 2002.

LEVISOLO, Hugo; MOURIM, Roberta. **A formação do jornalista esportivo-diploma ou talento**. *Contemporânea (Título não-corrente)*, v. 2, n. 2, p. 3-13, 2004.

LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Editora Universidade de Brasília, 1996.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Mantiqueira, 2003.

MEZZARROBA, Cristiano; SANTOS, Silvan Menezes dos; SOUZA, Doralice Lange de. **Jornalismo esportivo e infotenimento: a (possível) sobreposição do entretenimento à informação no conteúdo jornalístico do esporte**. *Corpoconsciência*, p. 93-106, 2017. Disponível em:

<<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/5034>>. Acesso em: 14 abr. de 2021.

MIRANDA, Ricardo. **#PremierLeagueNaESPN áudio da transmissão voltou e o som ambiente fica todo inibido, chato demais. Repensem sobre o som ambiente do estádio. Tem que ser mais alto... Falo isso faz tempo. O que interessa é o som ambiente e não os comentários e propagandas.** São Paulo, 8 nov. de 2020. Twitter: @ricmiras. Disponível em: <<https://twitter.com/ricmiras/status/1325436563451486208?s=20>>. Acesso em: 12 mar. de 2021.

MOREIRA, Danilo Gomes; SILVA, Cristiano Diniz da. **A vantagem em casa no futebol: comparação entre o Campeonato Brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo.** Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, 2008. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/18394>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

NETTO, Miguel Rodrigues. **A cobertura especializada e as contradições na utilização de jornalistas ou ex-atletas nas transmissões esportivas.** Revista Científica Semana Acadêmica, Fortaleza, v. 1, n. 41, p. 1-17, 2013. Disponível em: <[https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo\\_jornalismo\\_esportivo\\_0.pdf](https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/artigo_jornalismo_esportivo_0.pdf)>. Acesso em: 1 abr. de 2021.

RANGEL, Patrícia. **O Futebol Midiático: Uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos.** Dissertação de Mestrado. Faculdade Cásper Líbero. São Paulo: 2008. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/04-O-futebol-midiatico.pdf>>. Acesso em 11 nov. de 2020.

REDAÇÃO. **Transmissão da ESPN Brasil sofre apagão e fica sem narrador durante 19 minutos.** 08 nov. de 2020. Uol, Notícias da TV. Disponível em: <<https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/transmissao-da-espn-brasil-sofre-apagao-e-fica-sem-narrador-durante-19-minutos-45501>>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

RINALDI, Wilson. **Futebol: manifestação cultural e ideologização.** Journal of Physical Education, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804>>. Acesso em: 19 mar. de 2021.

SANTOS, Cristiane Alvarenga Rocha. **A narração esportiva de futebol: análise discursiva de um fenômeno midiático.** 2010. Disponível em: <[http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_SantosCA\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SantosCA_1.pdf)>. Acesso em: 1 abr. de 2021.

\_\_\_\_\_. **Narração esportiva de futebol e composicionalidade: uma proposta de estudo textual-discursiva das sequências textuais.** Estudos da Língua (gem). Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 31-48, 2012. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/3f5b/4e6760c615ac956db628188a8687076d60a7.pdf>>. Acesso em: 1 abr. de 2021.

SAVENHAGO, Igor José Siquieri. **Futebol na TV: evolução tecnológica e linguagem de espetáculo.** Verso e Reverso, v. 25, n. 58, p. 22-31, 2011. Disponível em: <<http://unisinos.br/revistas/index.php/versoereverso/article/view/97>>. Acesso em: 11 nov. de 2020.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda, 2004.

SILVA, Ednelson Florentino da. **Narração Esportiva No Rádio: subjetividade e singularidade do narrador**. 2008. Disponível em:

<<http://repositorio.unitau.br:8080/jspui/handle/20.500.11874/742>>. Acesso em: 31 abr. de 2021.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22683>>. Acesso em: 21 mar. de 2021.

SILVESTRE, Jean. **Confesso que o final da transmissão só com o som ambiente do jogo foi algo inesperado – e bom. A experiência de estádio, em sua essência. Poderiam transmitir esse áudio em 2º canal para os assinantes. #PremierLeagueNaEspn**. Rio de Janeiro, 8 nov. de 2020. Twitter: @jcsilvestre. Disponível em:

<<https://twitter.com/jcsilvestre/status/1325436164078235649?s=20>>. Acesso em: 12 mar. de 2021.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. Summus Editorial, 1994. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WCgpyBBBBfIC&oi=fnd&pg=PA11&dq=A+bola+no+ar:+o+r%C3%A1dio+e+sportivo+em+S%C3%A3o+Paulo&ots=ua6oG-p9H1&sig=eQnt\\_d3e184L4n-r2nQcXWPqUS8](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WCgpyBBBBfIC&oi=fnd&pg=PA11&dq=A+bola+no+ar:+o+r%C3%A1dio+e+sportivo+em+S%C3%A3o+Paulo&ots=ua6oG-p9H1&sig=eQnt_d3e184L4n-r2nQcXWPqUS8)>. Acesso em: 10 nov. de 2020.

TORRES, Carla Simone Doyle. **INFOTenimento na televisão: a tênue fronteira entre informação e entretenimento no encontro do telejornal com a revista eletrônica**.

Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: Desafios teórico-metodológicos, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/download/40352516/infotenimento\\_carla-torres\\_folha\\_timbrada.pdf](https://www.academia.edu/download/40352516/infotenimento_carla-torres_folha_timbrada.pdf)>. Acesso em: 07 mai. de 2021.

WILLIAMS, Ana Clotilde Thomé. **Locução de futebol no Brasil e na França na XVI Copa do Mundo: um cruzamento lingüístico-cultural de um evento discursivo**. 2002. Tese de

Doutorado. Doctoral dissertation, University of São Paulo. Disponível em:

<[https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Williams\\_D\\_-\\_Loucacao\\_de\\_futebol\\_no\\_Brasil\\_e\\_na\\_Franca.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Williams_D_-_Loucacao_de_futebol_no_Brasil_e_na_Franca.pdf)>. Acesso em: 15 abr. de 2021.

YÁNEZ, Carlos Iván. **El balón puede esperar**. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 51, p. 48-51, 1995. Disponível em:

<<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2264>>. Acesso em: 22 mar. de 2021.